PQ 9261
.L22 J6
Copy 1

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 910 4

E. INC. 2007 PH 7.5 TO 9.5 P.A.T.

PQ 9261
.L22 J6
Copy 1

AS JOIAS DE FAMILIA

COMEDIA-DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL DE

A. CESAR DE LACERDA

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO NORMAL, EM 26 DE ABRIL DE 1862

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1863

387270
'28

PQ9261
.L22J6
387370
28

PERSONAGENS

A Marqueza d'Alvedra	62	annos
D. Julia de Cisneiros	25	»
D. Emilia da Costa	26	»
D. Rosa de Andrade	40	»
Maria	26	»
John Walmore	43	»
O major Costa	64	»
D. João de Cisneiros	32	»
O Dr. Augusto da Costa	30	»
Luiz de Andrade	25	»
William Buttler	50	»
João	40	»
Dois criados		

ACTO I

NO PALACIO DA MARQUEZA D'ALVEDRA

Um salão grande e sombrio, mobilado no gosto antigo; grandes poltronas forradas de veludo roxo, e com progaria doirada; bofetes no mesmo gosto, etc., quadros pelas paredes, uns antigos de familia, outros mais modernos. Um piano, candelabros, serpentinas, etc., grandes jarras com flores, albuns por sobre as mesas e bofetes. Aos lados e no fundo portas com reposteiros onde estarão bordadas as armas dos marquezes d'Alvedra. Grande profusão de objectos curiosos e antigos, etc. etc. Tudo indica aristocracia e mediana fortuna.

SCENA I

JULIA DE CISNEIROS, EMILIA DA COSTA E MARIA

(*Julia está ao piano. Emilia ajudada pela criada, colloca as flores nas differentes jarras dando-lhes as formas mais bonitas, examinando-as de longe etc. Ao levantar do panno, Julia executa os ultimos compassos e cadencia final d'umas variações.*)

JULIA (*voltando-se para Emilia*) — Ainda não acabaste?

EMILIA (*aformoseando um ramalhete*) — Falta este.

JULIA — O que dizes das minhas variações? Estão para se ouvir?

EMILIA — Estão... para se admirar.

JULIA — Lisonjeira!... provavelmente esperas a retribuição, n'um elogio dirigido á elegancia e bom gosto com que te occupas das minhas flores! Pois francamente saberás que até n'estas pequenas coisas estou estranhando a minha querida Emilia... (*levantando-se e indo compor um ramalhete*) Olha o mau gosto com que escondeste estas pobres rosinhas, deixando ostentar-se com certo orgulho estes desenxabidos amores perfeitos!... (*rindo*) Amores per-

feitos!... Symbolo d'um sentimento, que não existe senão no reino de Flora.

Emilia (*sorrindo*) — Foi por isso que os escondi...

Julia — Não; foi por que já não és a mesma, porque nada fazes senão machinalmente, porque andas sempre preoccupada... não sei com que pensamentos melancolicos que...

Emilia (*sorrindo*) — Eu?

Julia — Talvez me queiras negar, a mim, que te conheço desde pequenina?...

Emilia — Não t'o nego nem affirmo, porque não percebi bem o teu pensamento; logo que m'o expliques melhor...

Julia — Já. (*para Maria*) Diga, ou mande dizer, ao sr. D. João que está aqui a sr.ª D. Emilia Costa; que nos aborrecemos horrorosamente n'esta immensa sala e que sollicitamos a sua presença como unico meio de distracção. (*para Emilia*) Lisonjeemol-o, que é a maneira de vir.

Maria — Mas... Sua ex.ª está ainda no seu quarto e fechado por dentro...

Julia — Pois diga ao escudeiro que lhe faça tal motim, que o acorde, se dormir. Eu respondo pelo resultado, se elle se zangar.

Maria — Sim, minha senhora. (*sae*)

SCENA II

JULIA E EMILIA

Julia (*conduzindo Emilia a um sophá onde se sentam*) — Ora vem cá, minha melancolica e poetica amiga. Atrever-te-has a negar-me, que ha tres ou quatro mezes se tem opperado em ti uma grande mudança?

Emilia (*diligenciando rir*) — Nego, com todas as forças da minha alma!

Julia — Que bella phrase! Mas, ainda assim, persisto. Conheço-te desde creança, e conheço-te... como se co-

nhece uma companheira de collegio. D'antes eras alegre, viva, espirituosa, e, mais que tudo, soberanamente escarnecedora dos ridiculos... dos nossos rapazes... hoje diligenceias ainda; porém para um espirito observador como é o meu...

Emilia — Dá-me vontade de rir essa tua pertenção!...

Julia — Não dá, não; até isso finges porque actualmente finges tudo quanto é alegria; e o riso...

Emilia — Valha-me Deus! Se continuas assim, com essas disparatadas asserções, fazes-me talvez acreditar que é verdade tudo isso e... assusto-me!...

Julia — Assustada estás tu, mas é porque vês no final d'este preambulo um interrogatorio em forma. Descança; sou muito tua amiga para desejar saber o que te afflige, é verdade; mas sou tambem bastante discreta para te não obrigar a confessar-me os teus segredos, logo que insistas em occultar-m'os.

Emilia — Mas eu não tenho segredos.

Julia *(amigavelmente e dando-lhe com um dedon a face)* — Mentes!

Emilia *(sorrindo)* — O gesto admitto; a palavra, não. Nunca menti.

Julia — D'accordo; mentes agora; é questão de mudança no tempo do verbo

Emilia — Que teima.

Julia — Será, mas tenho razão para teimar. Ha em ti o que quer que é de extraordinario, que te offuscou essa alegria nativa proverbial no nosso collegio. *(com meiguice)* Queres dizer-me o que é?

Emilia — Digo. Sabes perfeitamente que a minha saude...

Julia *(interrompendo-a)* — Não venhas com a tua saude. Tens o medico de casa, não posso acreditar que estejas doente.

Emilia. *(tristemente)* — Pois crê; e bem doente.

Julia — Mas como se explica que, vindo teu irmão aqui todos os dias, ou quasi todos, e perguntando-lhe eu sempre por ti...

Emilia — Responde-te... *está boa?* Admiras-te? Essa resposta é tão machinal nos rapazes, quando se lhes pergunta pelas suas familias, como em nós... o abrir e fechar de um leque. Estou doente, acredita.

Julia — Mas o que sentes? O que tens?

Emilia — Não sei. Nervoso, talvez.

Julia — Porque não és franca? Porque não hasde antes confessar que estás doente... do coração?

Emilia — Do coração! Credo! Não me assustes!... Se assim fosse, já meu irmão o teria visto, e me aconselharia algum tratamento mais serio.

Julia *(fitando-a)* — Será crivel que me queiras illudir, a ponto de figurar não entenderes a minha pergunta? *(depois de silencio)* Emilia, sê franca: tu amas alguem?

Emilia — Decerto; a meu pae, a meu irmão, e a ti.

Julia *(levantando-se)* — Bem; não fallemos mais n'isto.

Emilia *(sentada ainda)* — Mas... sê razoavel minha querida Julia! Fazes hoje os teus 25 annos; convidasteme a vir passar o dia comtigo; e, apezar do meu mau estado de saude, annui com o maior prazer ao teu convite: o sacrificio está muito bem compensado com a alegria de estar junto a ti, é verdade; porém, não me parece justo que inventes segredos, dissimulações da minha parte, e não sei que mais, para te zangares comigo... no dia de hoje.

Julia *(vindo beijal-a)* — Perdôa, Emilia; é que sou realmente muito tua amiga. Pareceu-me que, sabedora dos teus... desgostos, (desculpa a insistencia) poderia consolar-te, aconselhar-te, talvez...

Emilia — Agradeço a boa vontade, mas acredita que os meus desgostos, se é que os tenho, como dizes, são todos physicos e...

Julia — Bem; então repito... *(mas já n'outro tom, repara:) (beijando-a)* não fallemos mais d'isto. *(vae pôr em ordem as musicas sobre o piano)*

Emilia *(levantando-se)* — Terás muita gente á mesa?

Julia — Pouca; apenas os nossos *infalliveis.* O barão,

a irmã e o filho; o commendador Cruz, e um tal João Walmore rico negociante inglez, creio que muito amigo de meu irmão, que pediu licença para o apresentar hoje. Que me lembre, mais ninguem. Teu pae, vem?

EMILIA — Creio que sim, se o seu rheumatico o não impossibilitar. Hontem passou uma noite bem terrivel, coitado.

JULIA — Pobre major! Se soubesses como sou amiga d'elle! No meio d'aquelles modos bruscos (perdoa) e d'aquelle desabrimento militar, transluz a bondade de um santo, e a franqueza d'um verdadeiro homem de bem. Sou muito amiga d'elle. E a mamã? Não fazes idéa: é a unica pessoa de quem a ouço dizer bem.

EMILIA (*sorrindo*) — Talvez porque é a unica pessoa que se atreve a contrarial-a.

JULIA. (*rindo*) — Talvez seja por isso. (*olhando para dentro*) Ah! mas ahi temos o senhor meu irmão.

EMILIA (*descendo rapidamente*) — Já!...

JULIA (*rindo*) — O laconismo d'essa exclamação não é muito agradavel para elle, de certo!... (*reparando*) Ah! e traz-nos um ente... impagavel!...

EMILIA — Quem é?

JULIA (*rindo*) — O menino Luiz de Andrade.

EMILIA — Que *semsaborão!* (*senta-se no banquinho do piano e observa as musicas insensivelmente*)

SCENA III

JULIA, EMILIA, D. JOÃO DE CISNEIROS E LUIZ DE ANDRADE

(*Luiz de Andrade de casaca, lenço branco e um enorme ramo de flores na mão*)

D. JOÃO (*comprimentando Emilia friamente*)—Minha senhora... (*beijando Julia*) Bons dias, minha querida mana; deram-me a sua ordem, e bem vê que fui pontualissimo e, talvez, precipitado até em a cumprir.

Julia — Vem achar-me em tão boa companhia, que não devo ser eu a agradecer, mas sim o mano.

Luiz (*avançando e comprimentado*) — Minha senhora...

Julia — Ah! não tinha reparado!... Como vem florido, sr. Luiz de Andrade! Pareceu-me a primavera disfarçada em elegante...

Luiz — Se ha n'isso ridiculo, minha senhora, é v. ex.ª a culpada. Estas flores são as galas com que hoje celebro um natalicio tão querido por nós todos! (*apresenta-lhe as flores*)

Julia (*tomando-as*) — Sempre poetico, sr. Luiz de Andrade!

Luiz — Sempre, quando estou ao lado de taes incentivos á inspiração.

Julia (*rindo*) — Bravo! Rythmado ficava soberbo! (*para D. João*) A mamã ainda não saiu do seu quarto?

D. João — Creio que já. Ouvi-a ralhar ainda não haverá um quarto de hora. (*chegando-se a Emilia*) Seu mano?

Emilia — Não o vejo desde hontem... á noite.

D. João — Ah! fallou-lhe *hontem á noite?*

Emilia (*com intenção*) — Recolheu ás duas horas, e acompanhei-o a tomar chá, e estivemos conversando até... depois das tres horas da madrugada.

D. João (*com certa alegria mysteriosa*) — Ah!

Emilia (*a meia voz*) — Está satisfeito?

D. João (*baixo e com ternura*) — Estou. Perdão! (*aperta-lhe rapidamente a mão, sem os outros verem, afasta-se e vae observar os albuns*)

Julia (*collocando o ramo n'uma jarra*) — Parece-lhe que farão aqui bom effeito as suas flores, sr. Luiz de Andrade?

Luiz — Decerto, minha senhora; depois de passarem pelas suas mãos fazem bom effeito em toda a parte. A belleza é... (*não sabendo como acabar*) é contagiosa.

Julia (*perdida de riso*) — Obrigada. Está hoje forte nos madrigaes!... (*baixo passando junto de Emilia*) Contagiosa a belleza!... Que parvoice!

Luiz (*comsigo*) — Estou hoje feliz, não tem que ver.

D. João (*pegando n'um album*) — Desconheço este album: é novo?

Julia — Um presente da minha boa Emilia.

D. João (*observando-o*) — É lindo! (*mostrando uma flor bordada*) E que primoroso bordado! É um amor perfeito (*lendo*)

Minha Julia, antes que as artes
Venham ostentar-se aqui,
Deixa offerecer-te esta flor,
Que na minha alma colhi.

É singela, bem o vês;
Tem só uma qualidade
Parece dizer — amor... —
Diz melhor... diz — amizade.

(*fechando o album*) Lindo pensamento.

Luiz — Excellente idéa!

Emilia (*comprimentando*) — Oh!

Julia — Quando o coração falla, é sempre lindo o que diz! Não é assim, Emilia?

Emila (*rindo*) — Repara que se trata de uma pequenissima obra minha: que o coração fallou, isso fallou: que o que disse merece tão brilhantes qualificações, permittame que duvide. (*passando ao centro da scena*)

Julia — Sr. Luiz de Andrade, boa occasião de nos mostrar a sua espontaneidade... (*pegando n'um album*) Uns versos já e já para este novo hospede.

Luiz — Mas, minha senhora.

Julia — Vamos, nada de objecções! Precedido por tão linda poetisa, bem vê que é irrecusavel o meu pedido.

Luiz — Obedecerei, minha senhora; mas sabe... o meu costume...

Julia — Ah! sim; quer musica para o inspirar: pois não, com o maior prazer. Tenho justamente uma nova *reverie*, que o deve inspirar.

D. João — Então a tua poetica musa continua a não

querer nada comtigo, sem ouvir a sua companheira da harmonia?

Luiz — O que lhe heide fazer: é uma excentricidade de poeta!

Julia (*dirigindo-se para o piano*) — Todos os grandes genios as tem. (*baixo passando junto de Emilia*) É de uma affectação inaudita! Vou tocar-lhe uma semsaboria. (*sentando-se ao piano. Emilia passa para o outro extremo da scena*)

Luiz (*sentando-se proximo com o album e uma penna*) — Vejamos o que sae.

Julia — Vejamos. (*depois de pequeno preludio, executa uma reverie monotona e facilima*)

D. João (*baixo para Emilia no extremo da scena*) — E o retrato?

Emilia — Ainda me não foi possivel sair. O papá tem estado bastante incommodado, e como... conheço que lhe dou muito prazer em estar sempre a seu lado...

D. João — Pois nem por uma hora...

Emilia. — Creio que já lhe tenho pintado muitas vezes o seu caracter: desconfiado sempre de que o não estimam como elle merece, se me visse sair, estando doente...

D. João — Parece-me impossivel que, procurando bem, não achasse um pretexto...

Emilia — Aconselha-me a que minta a meu pae?

D. João (*seccamente*) — Não; continue antes a privar-me de um objecto, que tanto desejo...

Emilia — Veremos; talvez ámanhã...

D. João — Quando quizer. (*afasta-se um pouco*)

Emilia (*supplicante*) — D. João!...

D. João (*chegando-se rapido*) — Olhe que a podem ouvir.

Emilia — Mas para que me mostra esses modos de escandalisado? Quer fazer-me soffrer no dia de hoje?... Não basta...

D. João — Eu? em que a faço soffrer?

Emilia — Com esses modos desabridos!... Pois tenho eu culpa se Deus me fez boa filha?

D. João — Perdão, Emilia! O amor é...

Emilia (*estendendo-lhe a mão*) — Um egoista?

D. João (*apertando-lh'a rapidamente*) — Um malvado, ás vezes. Amo-te!

Emilia (*radiante*) — Obrigada, D. João!

D. João (*alto, disfarçando*) — Então, Luiz? sorri-te a musa?

Luiz (*passando a mão pelos cabellos*) — Nada! está d'uma avareza!...

Julia (*rindo*) — E a minha musica de uma semsaboria!... Não?

Luiz (*machinalmente*) — Não é isso; em sendo musica, tudo me serve; mas...

D. João (*rindo*) — É pouco amavel!

Julia (*rindo*) — Os poetas nem sempre mentem. (*continuando a tocar mas outra coisa*) — Diga-me, mano João: quem é esse... (*para Luiz*) Veja se acha isto mais inspirador. (*continuando a tocar*)

D. João (*chegando-se mais*) — O que me perguntava?...

Julia — Queria que me dissesse antecipadamente quem é esse sr. John Walmore que nos deve hoje apresentar.

D. João — É como se vê pelo nome, um honradissimo filho da soberba Albion, negociante estabelecido em Portugal ha mais de dezoito annos e senhor de uma grande fortuna. Um homem sizudo, talvez até um tanto misanthropo, a quem nunca vi rir nem chorar.

Julia — Um puro inglez?

D. João — Vive absolutamente só, sem parentes, e quasi sem amigos; o que não impede que seja extremamente delicado, obsequiador, e dizem que essencialmente esmoler. Frequenta os theatros, diz elle que unicamente para ajudar as emprezas: não vae aos bailes, porque na sua opinião, a dança é um passatempo exclusivo dos vadios e dos pertenciosos.

Julia — Que absurdos!

D. João — Tem-nos aos centos; o que não impede, repito, de ser um excellente homem.

Julia (*sempre tocando*) — É velho?

D. João — Não; quarenta annos, quando muito.

Luiz (*comsigo*) — Que conversa!... Esta gente julga que fazer versos é o mesmo que... tocar piano! (*continua a scismar*).

Julia (*com pueril impaciencia*) — Tomara já vêl-o! Tenho um presentimento de que nos havemos rir muito com esse caracter excentrico! O mais vulgar inglez, para mim, é sempre um ente delicioso!

Emilia — Falta ainda um traço ao retrato que o sr. D. João fez.

D. João — Qual é?

Emilia — A mania de estar doente... gozando perfeita saude.

Julia (*deixando de tocar e voltando-se para ella*) — Como? Como é?

Emilia — Tem procurado meu irmão, não sei quantas vezes, para o consultar sobre doenças desconhecidas para a sciencia, segundo o que meu irmão diz, porque não existem senão... na imaginação de um inglez.

Julia — Ai, como deve ser divertido!

Luiz (*levantando-se*) — Pois, minha senhora, é a primeira vez que deixo de cumprir uma ordem sua. Decididamente a minha musa hoje... abandonou-me!

Julia (*levantando-se*) — Ella voltará, sr. Luiz de Andrade: não se afflija por isso. (*para D. João, com a sua idéa fixa, e rindo*) Ai, mano João! Tomara já ver o seu inglez.

D. João (*preoccupado para Emilia*) — E é só das consultas com seu mano que conhece o sr. John Walmore?

Emilia — Não; em casa nunca o encontrei; mas nos passeios e nos theatros, quando estou com meu irmão, tenho conversado com elle algumas vezes.

D. João — Ah! (*depois de pequeno silencio*) Sim; tem-me fallado do doutor Costa como de um homem respeitavel para elle e de quem é muito amigo.

Emilia (*sorrindo*) — Isso é dever: creio que lhe supporta com paciencia... de medico as suas imaginarias doenças.

D. João (*comsigo*) — Mau! Realisar-se-hão as minhas suspeitas?...

SCENA IV

OS MESMOS E A MARQUEZA D'ALVEDRA

(*Precedida de um criado, que lhe corre o reposteiro para ella passar. N. B. Esta personagem é um pouco tropega, surda, e curta de vista*).

A marqueza (*para o criado*) — Vá dizer-lh'o immediatamente! A primeira vez que tal lhe aconteça, despeço-o, sem admittir a mais pequena reflexão! (*desce vagarosamente*).

Todos (*agrupando-se para a saudar*) — Senhora marqueza...

A marqueza (*desabrida*) — Boas tardes, boas tardes, meus senhores!

Julia (*beijando-a*) — Como passou a noite, mamã?

D. João (*do outro lado, e beijando-lhe a mão*) — Passaram-lhe as suas dôres de cabeça de hontem, sr.ª marqueza?

A marqueza (*soprando como aborrecida*) — Buf!... Estou boa, perfeitamente boa!... apenas desesperada!... desesperadissima!...

Luiz (*machinalmente*) — Mas que foi, minha senhora?

A marqueza — Ein? Quem é que me dirige uma pergunta tão *intima?* (*mirando-os com a luneta*) Ah! é o sr. Luiz de Andrade... (*com affectado respeito*). Bem; como é proverbial a... *liberdade dos poetas* não tenho remedio senão satisfazer-lhe a curiosidade. (*passando por diante de Emilia, para ir sentar-se, e estendendo-lhe a mão de passagem*) Adeus, menina. Como está o major?

Emilia (*depois de lhe apertar a mão; curvando-se respeitosamente e fallando mais alto do que de ordinario*) Doente; sempre com o seu rheumatico a flagellal-o.

A marqueza — Que se cure! Não tem o medico em

casa? Eu creio que elle cuida mais em ler os artigos politicos dos jornaes, e ir questionar sobre elles para os botequins, do que em tratar de si. Heide fulminal-o em o vendo! (*colloca-se á vontade no sophá*) Ah!... Estou em braza! Tratante!...

Julia (*baixo para D. João*) — Oh! meu Deus! O que será?

D. João (*no mesmo tom*) — Talvez alguma coisa... de nada.

A marqueza (*batendo com o pé*) — Indigno!... Aposto que não se esqueceu de si, o malvado!

Luiz (*baixo para Emilia*) — O demo da velha mette medo!

A marqueza (*voltando-se*) — Ein? O que tenho? Cuidam que não ouço?... Não estou tão falta de ouvido como julgam!...

D. João (*fallando alto*) — Mas... ninguem o duvida, minha senhora. Estamos todos anciosos por saber... se lhe faltaram ao respeito, se...

A marqueza — Faltar-me ao respeito!? Quem?... quem se atreveria a... Não foi isso... (*com um suspiro*) Antes o fosse!... (*limpando uma lagrima*) Pobre *Xerico*!...

D. João (*baixo para Julia*) — Logo vi: é coisa com o cão.

A marqueza (*com muito sentimento*) — Desgraçado *Xerico*.

Luiz (*chegando-se*) — Morreu?

A marqueza (*dando um pulo*) — Credo! Eu te arrenego, lembrança!..

Luiz (*recuando*) — Perdão; é que...

A marqueza — É que... fazia-lhe conta para alguma elegia, não? Pois não morreu, felizmente! Esteve quasi!... iam-m'o matando, coitadinho! Mas... (*tornando ao primeiro tom*) Estupido!... Infame!

D. João — Com quem será tudo aquillo?...

Julia — Provavelmente com o escudeiro, que é quem trata do *Xerico*.

A MARQUEZA — Ora venha cá, sr. Luiz de Andrade. O que faria o senhor, o que lhe aconteceria, se o seu criado se esquecesse de. . . de lhe dar de almoçar?

LUIZ—Eu, minha senhora, pedia ao papá que o pozesse na rua; e ia almoçar a um botequim.

A MARQUZA— Ein? e ia. . . aonde?

LUIZ (*fallando mais alto*) — Almoçar a um botequim.

A MARQUEZA — Ah! bem; mas como o meu pobre *Xerico* não veste casaca, nem tem a sua elevada intelligencia, ia morrendo de fome, se o não vejo devorar as minhas pastilhas para a tosse, indicio infallivel de fome no pobre animalsinho!

JULIA (*perdida de rizo e baixo para Emilia*) — Nem ao menos lhe disse aquelle portuguezissimo — *mal comparado*, para o consolar.

EMILIA (*sorrindo*) — E que cara com que elle ficou!. . .

A MARQUEZA — O que estão a dizer?. . . (*reparando melhor com a luneta*) De que se riem, meninas?

JULIA (*perturbada, mas suffocada pelo rizo*) — Perdão, mamã; sorria-me a idéa de ver o Xerico de casaca!

A MARQUEZA — Creança!. . . e faz hoje 25 annos!. . . Pois o caso não é para rir!. . . Ver estes biltres, que nunca se esquecem de si, ou antes, que se lembram primeiro de si do que de seus amos; que os roubam, que os criticam, que os escarnecem, até. . . Oh! que se podessemos passar sem criados!. . . Este mundo é assim! O egoismo e a falta de attenção para com as pessoas de respeito, é hoje uma feição d'este seculo. E a desgraça é que não se observa isto unicamente nos criados e mais pessoas de baixa esphera; tem-se estendido até ás classes mais elevadas. Vejam lá se o nosso querido doutor já me appareceu hoje! Pois bem viu como eu fiquei hontem atormentada pela minha enxaqueca.

EMILIA — Se me permittisse a defesa de meu irmão, dir-lhe-hia que, chamado pela manhã a uma consulta de importancia scientifica, segundo disse, é provavel que ainda não podesse estar livre para cumprir com um dever.

A MARQUEZA — Sim, sim, é isso mesmo; é d'isso mesmo que me queixo. Tambem é uma classe excepcional esta dos senhores medicos: se os temos sempre ás nossas ordens, é porque não prestam; e ha o perigo de nos assassinarem com a sua inaptidão; se são bons como seu irmão, eil-os no dominio da moda; e, á força de serem procurados, acabam por não procurar ninguem; ou, se o fazem, é depois de uma duzia de chamamentos a toda a pressa. De fórma que se não os consultamos, morremos; se os chamamos, demoram-se, e o perigo é por consequencia o mesmo! Oh! que se podessemos viver sem medicos!...

LUIZ (*baixo para Emilia*) — Já percebo: acaba por desejar viver só... com o cão.

A MARQUEZA — Sempre consultas, sempre doentes em perigo, sempre... Parece que temos alguma epidemia!...

D. JOÃO — Mas, minha senhora, desculpe: acho immerecida essa... essa má disposição para com o pobre doutor...

A MARQUEZA — Ein?

D. JOÃO — Que me lembre, ha mais de quatro annos que não se passa um dia sem elle a visitar...

A MARQUEZA — Olhem que grande obra de caridade!... De alguma coisa servirão os laços de amizade que existem ha trinta e tantos annos entre esta familia e o major Costa; se o filho não comprehendesse isto... não sei para que lhe serviria essa intelligencia e talentos tão apregoados por todos.

JULIA (*com meiguice*) — Porque não hade antes dizer, que a respeitosa amizade do doutor para com a mamã...

A MARQUEZA — Pois sim, pois sim; eu bem sei que elle é meu amigo; escusa lembrar-m'o... Não me faz favor, porque lhe dou tambem bastantes provas de confiança e affecto: nem d'elle digo mal n'isto, creio eu. Mas se lhe conheço amizade e alguns desvelos para mim, tambem lhe noto de dia para dia uma certa... sequidão, um certo modo aristocratico, ou não sei que... Emfim, serão talvez os inebriamentos da sua alta reputação scientifica;

mas... para mim vem elle bem! Heide demonstrar-lhe como dois e dois fazem quatro, que a sua sciencia, o seu talento, os seus estudos, são tudo coisas... levissimas, e a prova é que ainda não atinou com as minhas verdadeiras enfermidades.

LUIZ (*baixo para Emilia*) — Divertida conversação, palavra de honra!

D. JOÃO (*machinalmente*)—Está hoje n'uma disposição...

A MARQUEZA — O que? o que disse?

D. JOÃO — Que sinto bastante vêl-a hoje n'essa má disposição...

A MARQUEZA — Se tivesse mais cuidado na escolha dos seus criados, provavelmente não me veria n'esta disposição... insupportavel; não é assim?

D. JOÃO (*curvando-se*) — Longe de mim tal idéa, sr.ª marqueza.

A MARQUEZA (*para os mais*) — Desculpem; é que na verdade o insolito proceder d'aquelle malvado para com o meu pobre cão, exaltou-me a bilis a um ponto!...

LUIZ — Mas... isso já lá vae, senhora marqueza... e essa exaltação, na sua edade, póde...

A MARQUEZA — O que, na minha edade! Ora, sr. Luiz de Andrade, faça versos, faça versos, e não se queira constituir conselheiro gratuito de quem não pede conselhos. Vejo-lhe pouco geito para isso!...

LUIZ (*comsigo*) — Mal creada!...

A MARQUEZA (*baixo para Julia*) — Parece-me que me vae saindo mais parvo do que o senhor barão, seu pae, o tal menino Luiz.

UM CRIADO (*annunciando ao fundo*) — O sr. doutor, e o sr. major Costa.

A MARQUEZA — Ein? Quem é?

CRIADO (*repetindo mais alto*) — O sr. doutor, e o sr. major Costa.

A MARQUEZA — Ah! até que chegou!

SCENA V

Os mesmos, o major, e o doutor costa

(*O major vem encostado ao braço de seu filho, ambos de casaca: o primeiro toscamente vestido, com duas condecorações; o segundo com a maior elegancia*)

Julia (*correndo para elles*)—O meu querido major!... (*dá-lhe um abraço*).

O major (*descendo com difficuldade*)—Eu mesmo! estropeado, côxo, levado da fortuna; mas cá estou!...

A marqueza (*observando-o com a luneta*)—Olhem para aquillo!... Está em bom estado, major!... Aposto que não tem feito uso dos medicamentos que lhe receitaram?

O major (*sentando-se com difficuldade*)—Eu tenho feito uso... mas é de muita paciencia, senhora marqueza; que é que todos nós precisamos cá n'este mundo.

Emilia (*chegando-se-lhe e beijando-lhe a mão*)—Papá!...

O major (*abençoando-a*)—Adeus... (*a meia voz*) Deus te abençoe!..

D. João (*chegando-se a elle*)—Pelo que vejo, isso vae mal, major?

O major—Pessimamente: este maldito rheumatico... (*continúa fallando com elle em voz baixa: Julia e Luiz ao fundo conversando tambem em voz baixa*).

O dr. costa (*chegando-se á marqueza*)—Como está, sr.ª marqueza?

A marqueza (*seccamente*)—Perfeitamente boa... a mais não! Graças á minha medicina; porque, desde hontem ao meio dia, não tive até esta hora a quem consultar: vali-me da minha medicina...

O doutor (*sorrindo, e fingindo não perceber*)—A's vezes é a melhor, minha senhora.

A marqueza—Acha? Dê essa opinião a todos, que é para... para morrer de fome!

O doutor (*rindo*)—Ah! mas similhante asserção não é applicavel a todos os casos.

O MAJOR — Parece-me que a sr.ª marqueza está hoje de bem mau humor! Aconteceu-lhe alguma... desgraça?... d'essas grandes desgraças... como de costume?

A MARQUEZA — Se estou de mau humor, não sei; o que sei é que me sinto pouco disposta hoje a satisfazer a sua eterna curiosidade.

JÚLIA (*para Luiz*) — Começamos!... (*alto, descendo*) O que me trouxe, major? Esqueceu-se dos meus annos?

O MAJOR — Esquecer-me, eu!? O major Costa esquecer-se da sua querida menina!... É fazer pouco da minha memoria; e ainda menos da minha amizade!... (*tirando da algibeira uma caixinha*) Aqui está; é um presente que nunca fiz senão uma vez na minha vida... a quem Deus tem. Se não gostar deite á rua. (*entrega-lhe a caixinha*).

JULIA (*abrindo, e muito alegre*) — Ai!... o seu retrato, major!... Quanto lh'o agradeço!... Heide pagar-lh'o!... (*dá-lhe um beijo na face*).

MAJOR (*rindo*) — Oh!... Oh!... Até que achei algum prestimo na velhice.

JULIA (*mostrando-o aos mais*) — E como está parecido!

O DOUTOR, LUIZ, e D. JOÃO — E' verdade...! (*agrupam-se em redor de Julia*).

MAJOR — Lá fui, como Deus foi servido, tiral-o ao *Náso* ou *Násim*, ou que demonio é!... Custou-me a deitar lá, mas como era para a minha Juliasinha!..

JULIA — Que bondade, major!....

A MARQUEZA — Quando permitti erm que eu veja...

JULIA — Ai!... perdão, mamã!... (*dá-lhe o retrato*).

D. JOÃO (*baixo para o doutor*) — Vê se te justificas; olha que está desesperada comtigo, por lhe não appareceres desde hontem ao meio dia.

O DOUTOR (*sorrindo*) — Já percebi; mas, com meia duzia de attenções, pasas-lhe logo.

JULIA (*para o doutor com certa reserva e um vislumbre de acanhamento*) — E o senhor? o que me trouxe?

O DOUTOR (*entregando-lhe um papel dobrado*) Isto, minha senhora.

Julia — O que é?

Luiz (*chegando-se rapidamente*) — São versos?

O doutor — Versos?... (*com certa sequidão, e visivel repugnancia*) Nem tudo é para todos, nem todos para tudo. Nunca me occupei em rythmar palavras que, a maior parte das vezes, transformam as idéas.

Luiz — Perdão, a maior parte das vezes, não; a rythma, em muitos casos, abrilhanta as idéas...

O doutor — E n'outros torna-as indecifraveis, de accordo. Aquillo é prosa, meu caro senhor, e tão..... poetica, que poucos a entendem.

Luiz — Proza poetica!?.. Não percebo!..

O doutor (*sorrindo*)—Creio, creio! (*Luiz encolhe os hombros e afasta-se*).

Julia (*que tem lido o papel, estendendo a mão ao doutor, commovida*) — Obrigada, doutor!.... muito obrigada!... É então este o meu presente de annos?..

O doutor — Não o acha digno de..

Julia (*estendendo-lhe a mão*) — Acho-o digno.... de quem o fez.

O doutor (*apertando-lhe a mão com respeito*) — Oh! minha senhora.

Luiz (*tornando a chegar-se*) — É segredo?

Julia (*seccamente*) — É.

Luiz (*afastando-se*) — Ah!.... perdão!.... (*comsigo*) O tal doutorsinho parece-me que tem más idéas.... Heide dizel-o ao papá, pelo sim pelo não.

A marqueza (*que parece ter estado ha pouco n'uma questão com o major*) — Não está bom, não está bom, não está bom!.... Pois eu não tenho olhos?!....

O major — Que teima! Tem olhos, mas como não funccionam sem o auxilio d'esses vidros..

A marqueza — Olhem que razão!.... (*observando ainda o retrato*) Não está parecido, já disse! Até tem o nariz torto!..

O major — Essa agora!.... Pois aquellas machinas entortam lá o nariz a ninguem?.... A senhora marqueza,

pelos modos, ignora que aquillo é o mesmo que ver-se n'um espelho.

A MARQUEZA — Se lhe parece dê-me agora uma prelecção de photographia!.... Tem o nariz torto e d'aqui não saio. (*chamando*) Ó sr. Luiz de Andrade..

LUIZ (*descendo*) — O que é, minha senhora?

A MARQUEZA (*apresentando-lhe o retrato*) — O que tem este retrato?

LUIZ (*observando-o*) — Tem.... uma exacta similhança com o sr. major.

A MARQUEZA — O senhor é cego, já vejo! Tem o nariz torto!

O MAJOR — Não tem!

LUIZ (*atrapalhado*) — Como está assim... a tres quartos...

JULIA (*que se tem chegado por detraz do sophá da marqueza*) — Está bom!.... Não me digam mal do meu retrato! (*Tira-o respeitosamente das mãos da marqueza*)

A MARQUEZA — Está torto, e muito torto.

O MAJOR (*resmungando*) — Outra vez!..

EMILIA (*para Julia, que se lhe aproximou casualmente*) — O que te deu meu irmão? É segredo?

JULIA — Para ti, não é. Vê. (*Dá-lhe o papel*)

EMILIA (*lendo*) — Rua direita dos Anjos, 149, ultimo andar. D. Maria Clara da Silva, 38 annos, viuva, tisica pulmonar no ultimo grau, — miseria e abandono completo de parentes e amigos.

D. JOÃO (*baixo para o doutor*) — O que é aquillo?

O DOUTOR — Deixa-as; é questão de beneficencia. (*continuam fallando baixo*).

EMILIA (*continuando na leitura*) — « Rua direita das Janellas Verdes, 205, loja. Francisco de Sousa, operario, fractura nas pernas, inchação no braço direito. Tres filhos menores. Ha dois mezes miseria espantosa. »

JULIA — Faço idéa!.... Coitadinhos!

EMILIA (*continuando*) — » D. Anna Candida de Faria, viuva de um capitão de navios, que naufragou nos Açores. Paralysia total e..

Luiz (*que se tem aproximado*) — Agradavel leitura !..

Julia (*tirando rapidamente o papel a Emilia*) — Ah !.. (*seccamente*) Tinha-lhe dito que era segredo, sr. Luiz de Andrade ! ..

Luiz (*galanteando*) — Não acreditei que na sua edade e com o seu caracter angelico, podesse ter segredos ! .... Se fui indiscreto..

Julia — Subiu ; chegou á inconveniencia.

Luiz (*picado*) — Ah !

Julia (*fazendo Emilia passar ao extremo da scena*) — Comprehendes esta relação ?

Emilia — Gente que meu irmão trata pelo amor de Deus, creio ; e a quem depois envia um anjo de caridade ! .. Não é isto ?

Julia (*baixando os olhos*) — Emilia ! .... Similhante classificação ..

Emilia — Desculpa : agora não foi a amizade que fallou ; foi o respeito que as tuas virtudes me inspiram.

Julia — Se continuas, deixo-te ! (*continuam conversando*)

Luiz (*chegando-se ao doutor*) — Vi o seu presente de annos, doutor, é edificante, palavra de honra !..

O doutor — Edificante .. o que ?

Luiz — Aquelles mysteriosos laços de caridade.

O doutor — Não ha mysterio, sr. Luiz de Andrade, uma vez que v. ex.ª o sabe já. Desejava, comtudo, que não divulgasse o que se dignou .. *surprehender*.

Luiz (*comsigo*) — É um epygramma ! .... Heide contal-o ao papá ! ... (*alto*) O que eu louvo sobretudo, é a modestia ! .... Quasi que desejava, só para ter a gloria de ser favorecido por duas almas tão .... grandiozas, quasi que desejava, digo, ver o meu nome n'aquella relação.

O doutor (*com muita seriedade*) — Deus o não ouça, sr. Luiz de Andrade ; apezar de tudo.

Luiz (*picado*) — Apezar de tudo ! .... de tudo o que ?

O doutor — Perdão .... parece-me que a sr. marqueza chama-me .... (*comprimenta-o e vae fallar com a marqueza*).

Luiz (*para D. João*) — Vou embirrando solemnemente com o teu doutor, meu caro marquez. Tem-me adoptado ha uns tempos para cá certos ares de superioridade..

D. João — És um parvo! Não ha melhor rapaz no mundo, digo-t'o eu.

Luiz (*com intenção*) — Nem rapariga mais linda do que a irmã, *en?*

D. João (*com seriedade*) — Que queres tu dizer, Luiz?

Luiz — Nada, nada; o papá barão é que lá falla em certas coisas.. (*acotovelando-o*) És um maganão!..

D. João — Estás cada vez mais creança!

A marqueza (*baixo para o doutor*) — Esta gente moça é de uma inconsequencia incrivel! Com um dia d'estes ainda ninguem se lembrou de dar uma volta no jardim. — Creio que adivinham que preciso ficar só com o major.

O doutor — Se v. ex.ª m'o permitte, eu digo á sr.ª D. Julia...

A marqueza — Não é preciso. (*chamando e levantando-se*) Ó menina!

Julia (*correndo a ella*) — É comigo, mamã?

A marqueza — É. Porque não vae mostrar as suas flores novas a esses senhores? Pareceu-me que vi antes de hontem uns cactos formosissimos e que são muito para ver.

Julia — Perdão, minha senhora; já me tinha lembrado d'isso; mas receando deixal-a só...

A marqueza — Ah! vão, vão; preciso até fallar em particular com o sr. major...

Julia — N'esse caso... Dê o braço á Emilinha, mano João: o seu doutor...

A marqueza — Não, não; deixem-me o doutor, preciso d'elle.

Julia — Ah!... bem... (*passando junto de Emilia*) Não tenho remedio... (*alto para Luiz*) O seu braço, sr. Luiz de Andrade.

Luiz (*que tem estado ha bocado ás voltas com o album*) — Agora justamente que invocava a minha musa... para v. ex.ª

JULIA — Faça-lhe o mesmo que ella lhe fez ha pouco: fuja-lhe!

LUIZ (*com intenção*) — E se se escandalisar? As susceptibilidades hoje estão por tal forma alvorotadas.

JULIA — Ah! peça-lhe depois perdão e...

LUIZ (*com affectada ternura*) — E conceder-m'o-ha?

JULIA — Estou convencida que sim.

LUIZ (*comsigo*) — Coitada! Ella afinal... morre por mim! Heide contar tudo isto ao papá! (*offerece-lhe o braço*)

JULIA (*tomando-lh'o*) — E demais, deixar a musa por uma deusa, é desculpavel.

LUIZ (*estupidamente*) — Não percebo!...

JULIA (*rindo*) — Que poeta este tão pouco forte em mythologia! É celebre!

LUIZ — Continuo a não perceber.

D. JOÃO — Ó homem! pois não vamos aos dominios de Flora?...

LUIZ — Ah! Sim!... Que estupido que eu estou hoje!...

JULIA (*rindo muito*) — Bem dizia eu, que os poetas nem sempre mentem!... Até logo, mamã; Adeus, major. (*Saem os quatro*)

SCENA VI

A MARQUEZA, O MAJOR, E O DOUTOR.

A MARQUEZA — Ora saberão que tenho muito que lhes dizer, e ainda mais que lhes perguntar. Sente-se aqui, doutor... aqui ao pé de nós.

O DOUTOR — Ás suas ordens, sr. marqueza. (*pega n'uma cadeira, e senta-se a alguma distancia da marqueza que fica no centro*).

A MARQUEZA — Chegue-se mais. (*obedece o doutor*)

O MAJOR (*sorrindo*) — Que novidade será esta?

A MARQUEZA — Diga antes, que novidades. Ora ouça. Preciso que ambos me fallem com a maior franqueza sobre dois assumptos de muita importancia para mim... e para mais

alguem; para meus filhos. Creio que posso contar com a sinceridade que...

O MAJOR (*com certo desabrimento*) — Mas isso é perder palavras, sr. marqueza. Já se vê que, tanto eu como meu filho, não lhe podemos fallar senão como dois amigos verdadeiros.

A MARQUEZA (*sensibilisando-se affectadamente*) — Sei! Sei!... Ai, que se não fosse essa certeza, eu nunca me atreveria... (*levando o lenço aos olhos*) Isto de velhice é uma coisa... bem incommoda!...

O MAJOR — Adeus! Se principiamos com as sensibilidades do costume, acabamos, tambem como de costume, a ralhar um com o outro! Faça favor de deixar as lagrimas para o fim, e ir desde já ao principio.

A MARQUEZA (*no seu tom habitual*) — Ein? e ir o que?

O MAJOR — Ao principio... d'esses dois grandes assumptos...

A MARQUEZA — Espere! creio que não temos muito que fazer.

O MAJOR (*encolhendo os hombros*) — Quando quizer, eu cá estou. (*cruza com difficuldade uma perna sobre a outra, e volta-lhe um pouco as costas*)

A MARQUEZA (*depois de tomar uma pitada*) — Em primeiro logar, doutor... (*compondo novamente uma cara de choro*) eu estou... muito doente, não é verdade!

O DOUTOR (*sorrindo*) — Nunca lhe conheci tão perfeita saude, minha senhora.

A MARQUEZA (*pondo a mão no ouvido*) — O que?

O DOUTOR — Digo que lhe vejo todos os symptomas...

A MARQUEZA (*assustada*) — Credo! De que?

O DOUTOR — D'uma saude... perfeita.

A MARQUEZA (*desabrida*) — O senhor não sabe o que diz!... Se lhe affirmo que me sinto doente!...

O DOUTOR — Perdão; e eu entendo o contrario.

A MARQUEZA (*desesperada*) Esta é nova!... Pois eu não saberei o meu estado!...

O MAJOR (*voltando-se*) — É incrivel!... (*dando um pulo*

com a dôr) Uih!... cá está outra vez a dôrzinha no joelho!... (*muito frenetico*) A sr.ª marqueza que nada entende de medicina, quer então questionar com o rapaz, que queimou as pestanas annos e annos, que tem hoje uma reputação, que... que... Faz favor de tratar dos taes assumptos... importantissimos, como disse; que a tal importancia já eu estou a ver que hade ser grande coisa; olá!

A MARQUEZA — Você está cada vez mais insupportavel, major!...

O MAJOR — Ah! eu é que estou, sim senhora.

A MARQUEZA (*para o doutor*) Parece-lhe então que... que a minha vida não corre perigo, doutor?

O DOUTOR (*sorrindo-se*) — Corre o perigo, que todas correm, minha senhora; mas a não sobrevir-lhe alguma d'essas catastrophes inherentes á pobre humanidade, a sr.ª marqueza está em disposições de viver outros tantos annos.

A MARQUEZA (*radiante*) — O que? viver 120 annos, doutor?!... (*caindo no tom lacrimoso*) Ai!... nem mais dois, doutor; digo-lh'o eu!

O MAJOR — Pois supponhamos que vive só dois ou tres annos; o que pertende de nós por esse motivo?

A MARQUEZA — Pedir-lhe conselhos.

O MAJOR (*dando um pulo d'espanto*) — Conselhos?!... A sr.ª marqueza pedir conselhos!!... Toma! está o demo atraz da porta... Conselhos á sr.ª marqueza d'Alvedra!... Oh!... oh!... Seria mais facil acreditar nos prodigios de Mafoma, do que em similhante novidade, se m'a dessem assim d'estalo!... Conselhos!...

A MARQUEZA (*batendo com a ponta do pé*)—Se tivesse a... condescendencia de tomar isto muito a serio!...

O MAJOR — É que não se acredita assim de repente em taes... milagres!

A MARQUEZA — Ouçam. Apezar do meu genio alguma coisa... impertinente. (*gesto de espanto no major*) Eu conheço-me.

O MAJOR — Prodigioso!!... Agora é que vou crendo que a sr.ª marqueza está doente devéras! Conheço-a ha trinta

e tantos annos, e declaro formalmente que nunca a vi tão.. tão razoavel?

A MARQUEZA — Já lhe disse que se trata de dois assumptos de elevada importancia! Faça favor de me não interromper, e não se espantar a cada palavra que lhe dirija!

O MAJOR — Está dito; não me espantarei. Faz favor de continuar.

A MARQUEZA — O primeiro assumpto está discutido, e vejo que nos não combinamos. Digo, affirmo e creio piamente que não posso viver muitos annos mais; o doutor persiste no contrario; portanto não fallemos mais n'isto. Porém partindo do principio que... (*com um suspiro*) que eu falleça em dois ou tres annos, vamos tratar da segunda questão, o futuro de meus filhos.

O MAJOR — O futuro de?... Quer dizer de sua filha?

A MARQUEZA — Parece-me que disse bem distinctamente no plural?...

O MAJOR — Mas... não percebo! Emfim, adiante. Trataremos do futuro de seus filhos.

A MARQUEZA — Conhecem o caracter do João? O doutor, principalmente, que é mancebo como elle, hade saber... coisas que... fallando com franqueza, o meu João é... é um grande extravagante?

O DOUTOR — Perdão, minha senhora; é rapaz unicamente, e...

A MARQUEZA — Não, é mais que rapaz; é um libertino!

O DOUTOR — Um libertino!...

A MARQUEZA — Com toda a certeza: frequentador de botequins e com tres ou quatro amantes, terá a bondade de me dizer se é bem applicado o nome?

O DOUTOR — Mas está certa...

A MARQUEZA — Até á evidencia, por minha desgraça.

O MAJOR — Ora adeus! Isso são tudo rapaziadas, que a sr.ª marqueza exaggera, como exaggera tudo, e que hão-de ter um termo, quando lhe apparecer o primeiro cabello branco. Sabe Deus o que eu fui, o que foi o sr. marquez,

que Deus haja... emfim, o que fomos todos nós em rapazes.

A MARQUEZA — O sr. marquez!?... que está a dizer, major? O sr. marquez era o typo...

O MAJOR — Da estroinice e da *bamboxata*, quando era cadete do regimento em que servi como sargento quartel-mestre: e, apezar d'isso, não deixou de tomar juizo e ser um dos homens de bem que honraram o exercito liberal!

A MARQUEZA — No entretanto, não ha comparação possivel entre a mocidade... tempestuosa (concedo) do sr. marquez, com a juventude... estragada de seu filho.

O MAJOR — E' que o seculo até n'isso anda mais adiantado... Queira continuar, sr.ª marqueza.

A MARQUEZA — Em conclusão, o senhor meu filho é um ente inutil á sociedade; que joga, come e bebe antecipadamente os rendimentos de uma casa, que não é exclusivamente sua...

O DOUTOR — Mas, minha senhora...

A MARQUEZA — Não me interrompa! (*continuando*) Sem se lembrar de sua pobre irmã, a quem deve sustentar no futuro a dignidade inherente ao seu elevado nascimento. Ora, n'estas circunstancias pareceu-me que o melhor meio de obviar ás consequencias de um tristissimo porvir, era... casal-os a ambos. (*observa um e outro rapidamente com a luneta*)

O MAJOR — Casal-os?!...

O DOUTOR — A sr.ª D. Julia... tão nova...

A MARQUEZA (*comsigo*) — Espanto geral!... O doutor empallideceu!... (*alto*) Casal-os, sim. Elle, para ver se com os encargos do casamento, e mesmo com a novidade da lua de mel, se transforma em homem pacato e morigerado: ella, para que ainda que seu irmão não mude, fique independente e comum bom futuro. (*depois de silencio*) Que lhes parece a minha idéa?

O MAJOR — Parece-me excellente; resta porém a difficuldade de achar noivo e noiva convenientes para...

A MARQUEZA — Achei-os.

O MAJOR — Quem é a noiva?
O DOUTOR — Quem é o noivo? } (*ao mesmo tempo*)

A MARQUEZA (*comsigo*) — Que anciedade!... Dei no vinte, não tem que ver! (*alto*) Para o meu João, lembrei-me da D. Rosa de Andrade... a irmã do barão...

O MAJOR — O quê?... aquella delambida toda affectada, toda franceza, toda... Ora, sr.ª marqueza... mande deitar o rapaz a um poço, que lhe presta um grande serviço.

A MARQUEZA — E os trezentos e tantos contos de dote não valem de nada, senhor espertalhão? Trezentos e tantos contos de réis!...

O MAJOR — Ah! percebo; diga antes que quer vender o rapaz, e não venha cá pedir-me conselhos.

A MARQUEZA — Que asserção tão disparatada, major! Pois o facto de ter essa senhora uma fortuna...

O MAJOR — O que me admira é que, com as suas idéas aristocraticas, e sempre atirando a todos com os pergaminhos de seu defunto marido, a sr.ª marqueza se lembrasse de uma senhora que... sim, que é irmã do barão da...

A MARQUEZA — (*sorrindo*) Da Rapozeira... E' horrorozo o titulo, é; mas o que se lhe hade fazer? São trezentos e tantos contos!...

O MAJOR — Bem; vejamos agora quem é o noivo destinado á nossa querida Juliasinha.

A MARQUEZA — E' o filho do barão, o Luiz de Andrade.

O DOUTOR (*levantando-se*) — Pobre menina!

A MARQUEZA (*não ouvindo*) — Ein?

O MAJOR — Oh! que grandissimo parvo!... Sim senhora!... digo-lhe que escolheu tudo... boa gente!

A MARQUEZA — Então que tem o rapaz?

O MAJOR — Diga antes o que não tem! Olhe, sr.ª marqueza, querer remediar as doidices de seu filho com trezentos contos, embora tenha o apendice de uma... peralvilha estupida, comprehende-se; mas que julgue ver a felicidade de uma rapariga, como a nossa Juliasinha, na união com um idiota.

A MARQUEZA — Um idiota?...

O MAJOR — Pois o que é aquillo senão um tolo chapado?

A MARQUEZA — Um moço que faz tão lindos versos!... (*observando o doutor e comsigo*) Está em braza!

O MAJOR — Eu não entendo cá de versos; não sei se os faz, se não; o que lhe afianço é que é um parvo encartado em futuro barão... da Rapozeira... Rapozeira! só o titulo dá vontade de rir!

A MARQUEZA — Então... reprova?

O MAJOR — Energicamente.

A MARQUEZA — E o doutor?

O DOUTOR (*perturbado*) — Perdão, minha senhora: apezar de v. ex.ª me honrar muito com estas confidencias, parece-me que... quero dizer, pela minha edade, julgo-me completamente inhabil para aconselhar em assumptos tão melindrosos.

A MARQUEZA (*comsigo*) — Está como uma bicha!... Bem: realisaram-se as minhas suspeitas!...

UM CRIADO (*annunciando*) — O sr. João Walmore.

A MARQUEZA — O que é?

O DOUTOR (*visivelmente satisfeito*) — O sr. João Walmore.

A MARQUEZA — Não conheço.

SCENA VII

OS MESMOS E JOÃO WALMORE

WALMORE (*parando ao fundo*) — Perdão!... Julguei encontrar aqui o sr. D. João de Cisneiros...

(*NB. Este personagem, ainda que fallando correctamente o portuguez, pode ser representado com uma leve inflexão estrangeira.*)

O DOUTOR (*comprimentando-o*) — Sr. João Walmore.

WALMORE (*apertando-lhe a mão*) — Oh!... doutor. Eu procuro o sr. D. João de Cisneiros; um criado disse-me que o encontraria aqui...

O DOUTOR (*apresentando-lhe a marqueza*) — Sua mãe, a ex.ma sr.a marqueza d'Alvedia.

WALMORE (*comprimentando-a perfeitamente*) — Tenho muito prazer e a maior honra de...

A MARQUEZA (*comprimentando-o levemente com a cabeça*) — Senhor... (*depois de o observar com a luneta, baixo para o major*) E' francez?

O MAJOR — Inglez, inglez; não vê que se chama Walmore?

A MARQUEZA — Como não lhe observei a orthographia...

WALMORE — A sr.a marqueza perdoará se vim incommodal-a...

A MARQUEZA (*pondo a mão no ouvido*) — Como?

WALMORE — Que peço perdão de incommodar, talvez, a sr.a marqueza... Mas como o criado me disse que seu filho...

A MARQUEZA (*meio frenetica*) — Não percebi ainda!...

WALMORE (*para o doutor*) — A sr.a marqueza é surda?

O MAJOR — *Yes!*... Ha muito tempo.

WALMORE (*fallando mais alto*) — O criado disse-me que seu filho... estava aqui; e fui talvez indiscreto...

A MARQUEZA — Não senhor... Faz favor de sentar-se, que eu mando prevenir meu filho... O' doutor, toque essa campainha, faz favor. (*o doutor obedece: apparece um criado*) Diga ao sr. D. João que o procuram. (*o criado sae*)

WALMORE (*sentando-se*) — Torno a pedir perdão se incommodei a sr.a marqueza: mas, o sr. D. João disse-me que ás cinco horas da tarde esperava por mim e... (*vendo o seu relogio*) São cinco horas em ponto.

A MARQUEZA — Meu filho havia-me prevenido da sua visita, pedindo-me para m'o apresentar; e, não obstante elle não estar aqui, asseguro-lhe desde já que tenho muito prazer em o conhecer.

WALMORE (*comprimentando, levantando-se um pouco*) — Oh!

A MARQUEZA — Além de ser amigo de meu filho, vejo que o é tambem dos meus melhores amigos. (*designa os dois*)

WALMORE — Sim, senhora: ha muito tempo que tenho a honra de ser amigo do sr. doutor Augusto da Costa e de seu respeitavel pae o sr. capitão Costa.

O MAJOR (*comsigo*) — A mania de me dar baixa de posto é que eu lhe não perdôo!

WALMORE — Excellentes pessoas, na verdade; e tenho grande pena de que as nossas differentes posições nos não permittam estar mais... mais em contacto.

A MARQUEZA (*baixo para o major*) — Não ouço uma palavra do que elle diz!... (*alto*) Está ha muito tempo em Portugal? (*tira rapidamente da algibeira uma trompasinha acustica, que colloca no ouvido para ouvir a resposta*)

WALMORE — Desde de muito moço, sr.ª marqueza; da edade de vinte e dois annos.

A MARQUEZA — E' que falla maravilhosamente o portuguez; não parece estrangeiro.

WALMORE (*comprimentando e tornando a sentar-se*) — Oh!... favores, sr.ª marqueza.

A MARQUEZA — E' então... negociante?

WALMORE — Exclusivamente, não; tenho rendimentos na minha patria.

A MARQUEZA (*sorrindo*) — Mas não lhe tem muito amor, segundo vejo.

WALMORE — Não senhora; gosto mais d'este clima de Portugal...

O MAJOR — E tem razão! Nada ha no mundo como este torrãosinho abençoado por Deus, parece!

A MARQUEZA — E maldito pelos homens, accrescente.

SCENA VIII

OS MESMOS E D. JOÃO

D. JOÃO (*correndo a Walmore e apertando-lhe a mão*) — Meu querido sr. Walmore.

WALMORE (*levantando-se para lhe apertar a mão*) — Sr. D. João... (*torna a sentar-se*)

D. João — Permitta-me, sr.ª marqueza, que lhe apresente...

A marqueza — E' escusado; um homem de bem, sizudo e com tal porte, é apresentavel por si mesmo.

Walmore (*levantando-se para agradecer*) — Oh!...

D. João — Bem; n'esse caso... se quer ter a bondade de me acompanhar ao meu gabinete...

Walmore (*levantando-se de todo*) — Ás suas ordens, sr. marquez...

A marqueza (*levantando-se*) — Não é necessario: se teem que dizer em particular, podem ficar em liberdade. Vou dar uma volta no jardim... encontrar aquella gente. O seu braço, doutor.

O doutor (*offerecendo-lh'o*) — Oh! minha senhora!...

A marqueza (*baixo para elle*) — É então muito rico, este inglez?

O doutor (*sorrindo*) — Fabulosamente rico! É um Monte Christo.

A marqueza (*no mesmo tom*) — Excellente homem é elle, já percebi; talvez seja tambem um excellente... noivo.

O doutor (*perturbado*) — Como?

A marqueza — Nada, nada; veremos... (*alto*) Sr. Walmore, creio que me permittirá mandar pôr mais um talher na minha mesa?

Walmore (*curvando-se muito*) — Oh!... é uma honra!...

A marqueza — Até logo... Venha d'ahi, major. Vamos ver onde estão aquellas meninas.

O major (*levantando-se com difficuldade*) — Prompto!

Walmore (*comsigo*) — Ella... está cá!... Excellente!

O major (*passando junto d'elle e estendendo-lhe a mão*) — Ás ordens!...

Walmore — Capitão!...

O major — Major... major... (*curvando-se*) Ui!... que dôrzinha!...

A marqueza (*pelo braço do doutor, e baixo passando junto de seu filho*) — Diga ao mordomo que, se a não tem

em casa, mande já e já comprar uma porção de... de cerveja ingleza. (*sae com o doutor e o major*)

SCENA IX

D. JOÃO E JOÃO WALMORE (*que a foram acompanhar ao fundo; descem depois*)

D. João — Ora estamos sós, meu querido sr. Walmore. Faz obsequio de se sentar...

WALMORE (*curvando-se*) — Depois do sr. marquez...

(*NB. Além da sua seriedade glacial, Walmore parece em tudo contrariado fallando com D. João, e deixa apparecer de vez em quando uma tal ou qual repugnancia*)

D. João — Peço-lhe, em primeiro logar, que ponha de parte as ceremonias. (*sentam-se*) Vou fallar-lhe como a um amigo; e, quando se dá este titulo a alguem, cessam as etiquetas. Guardando, porém, as regras da delicadeza que se devem a um homem tão respeitavel, como é o sr. João Walmore, pedir-lhe-hei, primeiro que tudo, desculpa de o convidar a vir a minha casa, sendo eu que tenho a pedir-lhe um favor: mas o gosto de o apresentar á minha familia...

WALMORE — Queira perdoar; mas v. ex.ª muito me honra com essa... idéa de me apresentar á sua familia, para que tenha de me pedir tal desculpa. O honrado sou eu.

D. João (*rindo*) — E' por extremo delicado, o sr. Walmore... (*estendendo-lhe a mão*) Deve ter muitos amigos?...

WALMORE (*fingindo não lhe ver o gesto*) — Quem me estenda a mão de amigo, tenho de sobra: quem o seja verdadeiramente... ninguem!...

D. João (*turbado um pouco*) — E' desconfiança, de certo... Ainda ha amigos no mundo.

WALMORE — Sr. D. João, sinto dizer-lh'o, mas não me considero, nem me posso considerar amigo de v. ex.ª

D. João (*muito serio*) — Sr. Walmore!..

Walmore — Perdão; isto não quer dizer mais do que... franqueza minha. Além de duvidar muitissimo da palavra — amizade, tenho motivos... assaz fortes, para me não poder considerar seu amigo.

D. João — Mas...

Walmore — Talvez de futuro lhe possa explicar esses motivos; por ora afianço-lhe, sob a minha palavra de honra, que nada obterá da minha bocca, que possa esclarecer-lhe estas palavras que... involuntariamente soltei.

D. João — Mas isso não impede, de certo, que seja um excellente cavalheiro... e, tambem um... um rapaz...

Walmore — Rapaz?... Tenho quarenta e tres annos feitos, sr. marquez.

D. João — Quarenta annos!... a edade das paixões!... (*Walmore faz um movimento*) E' um rapaz, repito, desculpe a insistencia; e diga-me se, como tal, me autorisa uma confidencia de rapaz?

Walmore — E' uma honra para mim.

D. João — Pois... ouça. Saberá o meu caro sr. Walmore que tem diante de si um grande extravagante.

Walmore — Ou um fidalgo, que não tem nada que fazer; comprehendo.

D. João (*sorrindo*)—Um epigramma... britanico; acceito, porque o mereço. Tenho jogado... muito! muitissimo, até!

Walmore — Tudo quanto tem e ás vezes o que não tem: eu sei isso perfeitamente.

D. João — Sabe?!

Walmore — Sei: todos o sabem em Lisboa.

D. João — Excepto minha mãe.

Walmore — Excepto essa; sei tambem.

D. João (*depois de um gesto de admiração*) — Além d'esta... calamidade a que voluntariamente me expuz, não sei se por indole, se por...

Walmore — Não, perdão; por não ter nada que fazer, sr. marquez.

D. João — Pois seja por isso. Além d'esta... tarefa que me impuz de dar cabo de metade de quanto possuia, veiu

nova fatalidade perseguir-me, e arrancar-me a outra metade.

WALMORE — Foram as mulheres; bem sei.

D. JOÃO — Tambem sabe?!...

WALMORE — Tambem: v. ex.ª nunca se contentou com o amor senão... em duplicado.

D. JOÃO (*rindo*) — Em triplicado, em quadruplicado! houve certa epoca em que tive...

WALMORE — Quatro amantes; bem sei.

D. JOÃO (*rindo*) — Tudo sabe?!... O sr. é bruxo?

WALMORE — Não, senhor; sou um... curioso observador das fraquezas humanas; nada mais.

D. JOÃO — E observa bem, segundo vejo; porque, effectivamente, tive uma epoca... deploravel! O resultado de tudo isto é que...

WALMORE — Que o sr. marquez está... arruinado?

D. JOÃO (*sorrindo*) — Perdão; o termo, além de não ser muito portuguez, não é o melhor para explicar a minha posição actual: estou horrorosamete compromettido... empenhado!... emfim, deixando as periphrases: estou... perdido!

WALMORE — Oh! Exaggera, talvez.

D. JOÃO — Exaggero?... Ouça. (*depois de curto silencio*) Apezar de que, como diz, não pode ser meu amigo, não deixo por isto de ver no senhor um homem honrado, incapaz de atraiçoar uma confidencia...

WALMORE (*rapidamente e accentuando*) *Que não solicitei;* apezar de tudo, faz-me justiça, crendo que não abusarei d'ella... Pode continuar.

D. JOÃO — Para lhe provar que não exaggero, vou contar-lhe... tudo.

WALMORE — Eu não exijo...

D. JOÃO — Perdão; é que não podemos chegar ao meu fim, sem lhe confessar tudo. Ha tempos, tão perseguido me achei por credores, (nome que encerra em si tudo quanto ha de mais inconveniente e... rude!) que lancei mão de um meio, o unico que me podia salvar... que afinal

fiquei peior! Obtive, por uma das criadas da sr.ª marqueza os seus diamantes e brilhantes avaliados em grande porção de contos de réis; joias de familia riquissimas, que a sr.ª marqueza hesitaria em vender, ainda que se visse reduzida a comer um pedaço de pão negro. Sobre estas joias contrahi um grande emprestimo e constitui-me legalmente depositario d'ellas, compromettendo-me, já se vê, a pagar a somma n'um certo prazo, que desgraçadamente terminou ha dias. O meu credor não tardará a pedir-me judicialmente para eu entrar com as joias no deposito; eu... comprehende que o não posso fazer, porque voltaram para o quarto da sr.ª marqueza, que ignora tudo isto; de forma que estou com um pé em casa e outro na cadeia, na conformidade das penas que a lei impõe ao infiel depositario.

WALMORE — Mas... a sr.ª marqueza não consentiria, talvez...

D. JOÃO — Consentiria que eu fosse... degradado, até; mas a que não está disposta, com toda a certeza, é a perder os seus diamantes.

WALMORE *(comsigo)* — E é este homem que... Pobre menina.

D. JOÃO — Ora, como vulgarmente a agiotagem anda unida á velhice, tenho procurado debalde quem me adiante ou negoceie os rendimentos de minha casa, que, por fallecimento da sr.ª marqueza, devo administrar. Todos me dizem que são velhos, e que a espera de muitos annos é impossivel quando se chega á velhice. Portanto...

WALMORE — Por tanto... o sr. D. João lembrou-se de mim, que não sou velho ainda e... Mas quem foi o... o insolente que se atreveu a dizer a v. ex.ª que eu... era agiota?

D. JOÃO — Perdão; mas...

WALMORE *(visivelmente suffocado pela ira, mas contendo-se)* — Meu caro sr. marquez, sinto dizer-lh'o; mas, de suas confidencias, só tirou o resultado de eu ficar sabendo melhor o seu... caracter *(gesto de D. João)* isto é, a sua

triste posição e... deploro-a! Creio que mais nada podemos fazer.

D. João — Bem; n'esse caso... como me escapa a unica taboa de salvação, resta-me... um unico meio.

Walmore — Qual é?

D. João (*com affectado socego*) — Carregar uma pistola e dar um tiro na cabeça.

Walmore — Oh!... (*depois de silencio, perdendo a cabeça, e correndo a elle com os punhos fechados*) Nem isso pode fazer, miseravel!...

D. João (*recuando d'elle, espantado*) — Que quer isto dizer, sr. João Walmore?!...

Walmore (*levando-lhe os punhos ao rosto*) — Quero dizer que o senhor é um... um...

D. João (*recuando mais*) — Sr. Walmore!! (*sente-se dentro uma sineta, tocando para o jantar*)

Walmore (*caindo em si*) — Perdão!... Tenho um genio... fogoso; e esta idéa de ver o sr. D. João tão... desgraçado... tão desprezivel...

D. João — Desprezivel?!...

Walmore (*caindo no seu tom habitual*) — Perdão; inconvenientes de quem não sabe perfeitamente a lingua portugueza. (*depois de silencio*) Fará favor de ir amanhã procurar-me ao meu escriptorio e hoje... não fallemos mais n'isto.

D. João (*comsigo*) — É singular, este homem! Emfim com tanto que me faça saír d'esta posição.

Walmore (*comsigo*) — Pobre menina!... pobre familia!...

SCENA X

OS MESMOS, A MARQUEZA, JULIA, EMILIA, O MAJOR, O DOUTOR E LUIZ DE ANDRADE

A marqueza (*pelo braço do doutor*) — São cinco horas e meia... (*largando o braço do doutor, dirigindo-se a Walmore*) Sou tambem pontualissima em todos os actos da

vida, meu querido sr. Walmore, e como effectivamente mandei pôr mais um talher na minha mesa...

WALMORE (*curvando-se muito*) — Já disse á sr.ª marqueza que é para mim grande honra...

A MARQUEZA (*muito risonha para elle*) — Bem; rejeitando a asserção, acceito a delicadeza. Dê o braço a minha filha, sr. Walmore. (*vae tomar o do major. Os mais conversam ao fundo, excepto Emilia que desceu*)

WALMORE — Oh!... Mais outra honra!... (*dirigindo-se a Julia passa junto de Emilia a meia voz*) Sei tudo!... Procure occasião de me fallar a sós...

EMILIA (*admirada e com susto*) — Ah!... Mas...

WALMORE — O seu criado é um... malvado, que a atraiçôa. (*supplicante*) Por seu interesse, falle-me hoje... sem testemunhas! (*offereçe o braço a Julia*)

EMILIA (*comsigo, aterradá*) — Meu Deus!... o que será isto?!... Saberá elle...

A MARQUEZA — Para a mesa! para a mesa... (*dirigem-se todos para a direita*)

Cae o pauno

ACTO II

EM CASA DO MAJOR

Gabinete mobilado com luxo e muito gosto; á direita porta em arco, que communica com as outras salas: á esquerda duas portas pequenas. Ao fundo grande porta envidraçada, que diz para uma varanda com escadas para o jardim; aos lados janellas para a mesma varanda. As portas teem reposteiros de seda lisa côr da mobilia. Quadros pelas paredes, pequenos retratos photographicos, albuns, etc. etc. Entre as janellas, duas pequenas panoplias com differentes armas curiosas. E' noite: duas serpentinas com velas illuminam a scena. Ao fundo vê-se o luar.

SCENA I

EMILIA E O DOUTOR (*entrando pela esquerda*)

EMILIA (*que estava observando para o jardim, correndo ao doutor*) — Então? Não é de perigo?

O DOUTOR (*vestido para sair*) — Nunca foi felizmente! No estado de debilidade em que se achava, fez-lhe certamente mal o sair hontem de casa. E depois, ainda que pouco abusou, com tudo o jantar da marqueza esteve sufficientemente appetitoso para um velho militar.

EMILIA — Perguntou por mim?

O DOUTOR — Não; mas será bom que o vejas: bem sabes como é desconfiado de que lhe *não teem amizade;* termo d'elle. Adeus.

EMILIA — Vens tarde?

O DOUTOR — Provavelmente não.

EMILIA — Se houver alguma novidade... que o papá deseje fallar-te ou... outra qualquer coisa, tens parte certa onde te encontrem?

O DOUTOR — Em S. Carlos, e mais tarde no Gremio.

Emilia — Não sei como saes, estando o papá doente...

O doutor — Foi elle mesmo que instou comigo para que saisse, coitado! Como sabe que o theatro é quasi a unica distracção que tenho...

Emilia — Ah! bem.

O doutor — Adeus, Emilia (*dá-lhe um beijo na testa*)

Emilia — Até logo... Ah! se vires o João lá em baixo, manda-m'o.

O doutor — O João vae comigo no carro.

Emilia — É que precisava tanto d'elle...

O doutor — Bem; então cá t'o mando. Irá encontrar-me em S. Carlos. Adeus. (*sae pela direita*)

SCENA II

emilia, depois joão

Emilia (*proximo da janella e scismando*) — E não lhe pude fallar, infelizmente!... (*como recordando-se*) *Sabe tudo!...* O que? Será... (*como repetindo uma idéa*) Oh! não! morreria de vergonha!... Entretanto... que poderá elle saber, que me diga respeito, que me *interesse* muito, como disse, senão... Mas como o poderia adivinhar?... E se o sabe, que importancia pode aquelle homem ligar a um assumpto... que me diz respeito?... É de perder o juizo! E tirou-me o somno, tirou-me o socego aquelle homem com o seu mysterioso pedido! Desgraçadamente, sempre acompanhada pela Julia, pela marqueza, ou pelo Luiz de Andrade, não me foi possivel...

João (*entrando com uma libré sem pertenções*) — Prompto, minha senhora.

Emilia (*com muito bom modo*) — Venha cá, João; preciso interrogal-o sobre um assumpto de grande importancia para mim, e espero... conto com a sua franqueza e discrição.

João — A senhora bem sabe que sou o mais discreto possivel.

Emilia — Bem sei... isto é, até hontem acreditei que o era.

João — Até hontem!... e hoje?

Emilia — Hoje... duvido alguma coisa de você, João.

João — É injustiça!...

Emilia — Ouça: vamos direitos ao fim. Conhece um negociante inglez chamado João Walmore?

João (*comsigo*) — Mau!... (*alto*) Conheço, sim senhora.

Emilia — E conhece-o só de elle vir aqui algumas vezes, sob o pretexto de consultar o sr. doutor?

João — É só d'isso que o conheço; de lhe abrir e fechar a porta.

Emilia — E nunca fallou com elle... mais particularmente?

João (*perturbado*) — Nunca... posso jurar-lhe que... isto é... sim, nunca lhe fallei mais em particular.

Emilia (*observando-o*) — Não minta, João! Conheço-lhe nos modos com que está, que me quer enganar.

João (*mais perturbado*) — Eu... não quero enganar... ninguem! A senhora está hoje tão desconfiada!...

Emilia — Olhe, João; se lhe disse alguma coisa a meu respeito, é melhor confessar-m'o francamente, porque me faz talvez um grande serviço.

João — Ahi me ajuda; se houvesse alguma coisa... (*com maliciosa intenção*) A senhora sabe muito bem que lhe tenho feito grandes serviços!...

Emilia (*comsigo*) — E heide soffrel-o!... Na dependencia de um criado! (*alto*) Ouça, João. Você é essencialmente amigo de dinheiro.

João — Ah! lá isso... sou!

Emilia — Já por elle atraiçoou uma vez seus amos...

João (*com malicia*) — Mas parece-me que a minha traição, como a senhora lhe chama, não a desgostou... á senhora?

Emilia (*comsigo*) — E não poder despedil-o!... (*alto*) Tem razão, infelizmente!... Se eu tivesse cumprido com os meus deveres... (*arrependendo-se e mudando de tom*)

Mas... vamos! Você, João, foi complice... ou antes, causador de um mau passo; tenho, pois, todo o direito de o interrogar. O que se passou entre você e o sr. João Walmore.

João (*perturbado*) — Nada, minha senhora.

Emilia — Bem, encarregarei outra pessoa de lh'o perguntar.

João (*assustado*) — Quem? o senhor...

Emilia — Justo, o senhor....

João — Não, não lhe diga nada, minha senhora.

Emilia — Então, responda-me. O que houve?

João — Houve... que o sr. João Walmore, quando vinha procurar o sr. doutor, sempre á saida me brindava... generosamente...

Emilia — Dava-lhe dinheiro?

João — Sempre... e bastante!...

Emilia — Para que?

João — Primeiro, para nada; depois para... para... (*abaixa os olhos affectadamente*)

Emilia — Para...?

João — Para lhe dizer quando a senhora ia ao theatro.

Emilia (*levantando-se admirada*) — Ah!... E você dizia-lh'o?

João — Sempre; parecia-me uma coisa tão simples, e depois, elle pagava-me tão bem este pequeno serviço...

Emilia (*depois de silencio*) — Que mais?

João — Depois... perguntou-me varias vezes por certas particularidades d'esta casa... sempre em relação á sr.ª D. Emilia...

Emilia — E você satisfazia-lhe essas perguntas?...

João — Com toda a verdade. Eram tão insignificantes, e elle pagava-as tão bem...

Emilia (*impaciente e sobresaltada*) — Que mais? que mais lhe perguntou? que mais houve?

João — Perguntou-me se a senhora tinha algum... (desculpe, mas foi tal e qual como disse) se tinha algum...

namorado; quem era, se o sr. seu pae sabia... emfim... Olhe, minha senhora, e no que percebi é que elle está doido de amores pela senhora!...

EMILIA (*desabrida*) — Basta! (*depois de silencio*) Saia!...

JOÃO — Mas, minha senhora.

EMILIA — Saia d'qui, já lh'o disse! E'... um indigno!...

JOÃO — Minha senhora!... (*Emilia faz-lhe um gesto imperioso de sahida*)

JOÃO (*comsigo*) — Parece-me que se me acaba a pechinxa! (*sae pela direita*)

SCENA III

EMILIA (*só, caindo n'um cadeira*) — Comprehendo! Este homem contou-lhe tudo... Eis-me pois perdida totalmente, se elle não busca o remedio unico para esta fatal situação! Oh! meu Deus! meu Deus!... Um segredo de tal natureza sabido por um homem, que me é estranho, um homem que... Realmente será por amor por mim que João Walmore se atreveu a subornar o criado? E se fôr?... Peior ainda, talvez. (*levanta-se*) Ah! Jesus!... valha-me a virgem Santissima! o que heide eu fazer?!... Deus permitta que *elle* venha hoje!... Talvez possamos combinar algum meio... (*depois de pausa*) Ai! como o crime nos arrasta de dia para dia no caminho inclinado da desgraça! — Porque foi um crime! E por mais que diga, por mais que faça, se elle me abandonar, o mundo não verá em mim a victima de uma traição; apontará com o dedo para... para mais uma criminosa! E meu pobre pae se o sabe!... Oh! que nem quero pensal-o!... Estarei eu fadada a trazer a esta casa a deshonra e o luto!?...

SCENA IV

EMILIA E JOÃO

JOÃO (*pela direita*) — Está aqui a sr.ª D. Rosa de Andrade e o senhor seu sobrinho.

Emilia (*compondo um rosto mais socegado*) — Disse-lhe que eu estava em casa?

João — Como não me tinha prevenido para o contrario...

Emilia — Bem; mande entrar.

João — Para aqui?

Emilia — Sim. (*João sae*)

Emilia (*comsigo*) — Coragem! talvez sejam tudo chimeras!... Talvez que esse homem sinta por mim um affecto verdadeiro, e que por isso mesmo se cale... Ai, quanto desejo agora fallar-lhe!

SCENA V

EMILIA, D. ROSA E LUIZ DE ANDRADE

(*NB. D. Rosa vem vestida com grande riqueza e gosto, mas tudo um pouco exaggerado, especialmente a coifure e a capa bordada que traz nos hombros. Esta personagem falla sempre com uma certa affectação franceza e com muita verbosidade*)

D. Rosa (*entrando pela direita e fallando para Luiz*) — Não me pize o vestido *Lúlú*. Parece que vem cego!... (*correndo a beijar Emilia*) Boas noites, minha joia! Como está? o papá? o mano?

Emilia (*retribuindo-lhe o beijo*) — O papá está incommodado, mas...

D. Rosa — Sim? o que é? é coisa de cuidado?

Emilia — Felizmente creio que não! (*indicando-lhe um sophá*) Quer ter a bondade...

Luiz (*avançando*) — Minha senhora...

Emilia (*apertando-lhe a mão*) — Sr. Luiz de Andrade...

D. Rosa (*sentando-se*) — Eu pouco me demoro... (*tirando a capa*) Pegue n'isto, *Lúlú*; está um calor insupportavel!... (*atira-lhe com a capa que cae no chão*) Ai, *Lúlú*, que está hoje abstracto! ..

Luiz (*apanhando-a rapidamemte*) — Perdão, minha tia; é que não reparei.

D. Rosa (*para Emilia*) — Venho pedir-lhe um favor, minha *lindinha*... e desde já a previno, que não admitto recusas possiveis! Estou hoje... *impytorable* com as minhas exigencias! Dê cá o meu leque, *Lúlú*.

Luiz (*dando-lh'o*) — Eil-o, minha tia.

Emilia — O que me ordena, minha senhora?

D. Rosa (*abanando-se violentamente*) Não acha que está um calor horroroso?... O que venho pedir-lhe é... é a sua companhia.

Emilia — Como?

D. Rosa — O mano barão está tambem um pouco incommodado com o seu flato; isto é, o que elle vae estando, parece-me, é um perfeito mysantropo... *C'est un homme blasé; come ent dit*... (*emendando*) Como dizem os francezes. Imaginou que não devia ir hoje a S. Carlos: de fórma que vou-me *enuyer* horrorosamente só no camarote. E *Lúlú* foge-me sempre para as cadeiras, de forma que... Em fim, venho pedir á minha amiguinha... o favor da sua companhia.

Emilia — Mas, minha senhora, agradecendo infinitamente a honra que me offerece, devo lembrar-lhe, que, estando o papá doente, não posso...

D. Rosa — Ai! que contrariedade!... Mas... Meu Deos! estão hoje todos doentes! Ah! *c'est em betante cá!*

Emilia — Se não fosse esta triste circumstancia...

D. Rosa — Mas, talvez... não sendo coisa de perigo, como disse...

Emilia — Seja o que fôr, nunca me resolveria a deixar o papá cotregue aos criados.

Luiz — Ah! é justissimo!

D. Rosa — Que inconveniencia, *Lúlú!* Se ha de mostrar... tristeza por não gosarmos a companhia de... (*para Emilia*) Não admira; traz a cabeça impressionada sempre com a imagem de... Escuso dizer-lhe de quem... (*para Luiz*) Se se tratasse de levarmos trem... outra pessoa... *ein?* (*rindo*) Ah!... Ah!... Ah!... Louquinho! (*para Emilia*) Coitado! está mesmo perdidinho de amores!

Luiz — Ora minha tia!...

D. Rosa — Não é nenhum segredo de estado! Em pouco tempo todos em Lisboa o saberão...

Emilia — Mas... o que é?

D. Rosa — Esperamos cedo ter o prazer de lhe mandar convite para um baile sumptuoso!

Emilia — Um baile? dado...

D. Rosa — Pelo mano barão... Pois não sabe? Ha grandes vistas de casamento entre o *Lúlú* e a D. Julia de Cisneiros.

Luiz — Ah! mas isso é uma traição! e se eu, para me vingar, disser egualmente á sr.ª D. Emilia que, sim, que se pensa tambem n'outro casamento?...

D. Rosa (*rindo com affectado pudor*) — Cale a bocca, *Lúlú!*... Não seja creança.

Luiz — Não me calo, heide vingar-me! Saberá, sr.ª D. Emilia, que ha tambem muito quem falle n'uma união matrimonial entre a exm.ª sr.ª D. Rosa de Andrade, e o sr. marquez de Alvedra.

Emilia (*estremecendo*) — Ah!...

D. Rosa — Deixe-o fallar, minha joia: são apenas supposições, que não tem fundamento algum.

Luiz — Não; tem só o fundamento de estar a marqueza cada vez mais pobre e desejar a felicidade de seus filhos.

Emilia (*tremula*) — Ao mesmo tempo que v. ex.as tambem desejam, talvez, alliar-se a uma casa...

D. Rosa — D'uma nobreza inequivoca! Então que quer, minha querida? o mundo é assim; até a aristocracia do dinheiro é ás vezes escarnecida... pelos *pobretões*, já se vê... Portanto, havendo meio de conciliar tudo... Nobreza de sangue e nobreza de... de dinheiro...

Emilia (*suffocadamente*) — Tem razão, minha senhora. E... effectivamente, é já decidida essa idéa?...

D. Rosa — Quasi, quasi. (*observando-a*) Mas... o que tem? está incommodada?

Emilia (*levantando-se*) — Nada, minha senhora... É que

realmente, faz aqui bastante calor!... (*vae abrir de par em par as janellas*)

D. Rosa (*baixo para Luiz*) — Vês, *Lúlú?* Olha que não são infundadas as minhas suspeitas!... Ha namôro, com toda a certeza!

Luiz (*baixo*) — Veremos... Experimente-a mais.

Emilia (*comsigo*) — Parece que tudo se conjurou hoje para me atormentar!

D. Rosa (*levantando-se e indo a uma das janellas*) — Excellente casa é esta sua, Emilinha! Um lindo jardim... flores... arvores frondosas... (*reparando*) Ora esperem!... Credo! que medo! Quem é aquelle vulto negro, que anda lá a passear no fim da ruasinha?

Luiz (*chegando-se*) — O que é?

Emilia (*comsigo*) — Ih! Jesus!... é elle, de certo!... (*alto e tremula*) Provavelmente... é... algum dos criados, que...

D. Rosa — Criado... de challe manta!... Olhe!... olhe! escondeu-se!... Ó menina!... pois não tem medo?!

Emilia (*muito perturbada*)—Sim, minha senhora... effectivamente tenho medo!...

Luiz (*com os olhos espantados*) — É uma graça!... quasi dentro de casa!...

Emilia — Mas... foi engano talvez; o que v. ex.ª suppoz ser um chaile manta, é sem duvida algum *chairel*... sim, não pode ser senão o criado da cavalhariça que...

D. Rosa (*sempre observando*) — De chapeo redondo!?

Emilia (*comsigo*) — Se o reconhece!...

D. Rosa — O' *Lúlú*, você que é homem, porque não vae ver?...

Luiz (*fugindo da janella*) — Eu!?... E se fôr mais de um... alguma quadrilha?!

D. Rosa — Ai... ai! Credo! lá tornou a apparecer!...

Emilia (*comsigo*) — Que tormento!...

D. Rosa—Escondeu-se!... Ó menina! chame alguem!... Morro de medo!

Emilia (*tocando um reclamo*) — Eu mando ver o que é.

Luiz (*comsigo resmungando*) — Umm! E ella não tem medo... Aqui ha mysterio por força!... Será... elle?

João (*entrando*) — A senhora chamou?

Emilia — Chamei: (*com certa intenção*) Veja ou mande ver, quem anda no jardim, que nos tem aqui cheias de susto. Vá depressa.

João — Sim, minha senhora. Hade ser o meu companheiro que anda tomando o ar. (*comsigo*) O demonio do inglez é os meus peccados! (*sae rapidamente*)

D. Rosa — Estou já n'um estado nervoso!...

Luiz — Quer o seu frasquinho, minha senhora?

D. Rosa — Não; por em quanto, não preciso.

SCENA VI

OS MESMOS E O DOUTOR

O doutor (*entrando apressado*) — Emilia!... (*reparando nas outras personagens*) Oh! perdão!... (*comprimentando*) sr.ª D. Rosa.

D. Rosa (*apertando-lhe a mão*) — *Carissimo* doutor...

O doutor (*para Luiz seccamente*) — Sr. Luiz de Andrade...

Luiz — Doutor... (*baixo para sua tia*) Nem sequer me aperta a mão o parvo!... Não reparou?

D. Rosa — Deixa-o... tem zelos, é natural.

Emilia (*assustada*) — Vieste tão repentinamente!... Tens alguma coisa?

O doutor — Não; pareceu-me ver a carruagem da sr.ª marqueza dirigir-se para aqui, e desejei estar em casa para receber s. ex.ª

Emilia (*socegando mais*) — Ah!

D. Rosa — Nós, saimos... (*baixo para Luiz*) Não convem que nos vejam aqui. (*alto para Emilia*) Decididamente não nos dá o prazer de...

Emilia — Creio que, á vista do motivo, me desculpará...

D. Rosa — Que remedio!

Luiz (*baixo*) — Porém... ella vem ahi provavelmente, e..

D. Rosa (*no mesmo tom em quanto põe a capa*) — Por isso mesmo queres que te surprehenda em casa de... de quem tem eguaes pertençõesa...

Luiz — Ah! diz bem. (*comsigo*) Eu heide saber quem era o vulto do jardim.

D. Rosa (*beijando Emilia*) — Até... cedo, minha joiasinha!

Emilia — Minha senhora... (*O doutor toca uma campainha, apparece um criado, a quem elle por um gesto indica que deve acompanhar os dois*)

D. Rosa — Os meus comprimentos ao major. Anda *Lúlú*.

Luiz (*comprimentando*) — Minha senhora... sr. doutor.

O doutor — Ás suas ordens.

D. Rosa (*saindo*) — Não me pize o vestido, *Lúlú! Oh! c'est trop fort, ma foi!* (*saem os dois*)

SCENA VII

EMILIA E O DOUTOR

O doutor (*depois de os acompanhar*) Que veiu cá fazer este par... de imbecis?

Emilia — Convidar-me para os acompanhar ao theatro.

O doutor — Ah! O pae... chamou por alguem?

Emilia — Não; creio que ainda dorme socegadamente.

O doutor — Vejamos. (*entra na esquerda*)

SCENA VIII

EMILIA E JOÃO (*pela direita*)

João — Já lá fui, minha senhora.

Emilia — Era elle?

João — Sim, minha senhora.

Emilia — Disse-lhe que se occultasse?

João — Já se vê.

Emilia — Bem ; póde sair.

João (*comsigo*) — E' a ultima . . . mentira que prego n'esta casa ! Oh ! mas que homem tão generoso ! (*sae e volta logo annunciando*) A sr.ª marqueza de Alvedra ! (*sae*)

SCENA IX

EMILIA, A MARQUEZA E JULIA (*Em toilettes de theatro com riqueza ; especialmente a marqueza carregada de diamantes.*)

Emilia (*correndo á direita*) — Ah ! sr.ª marqueza ! . . . (*beijando Julia*) Minha querida Juliasinha ! . . .

A marqueza (*descendo*) — Então o que é isto ? Onde está este homem ? . . . Disse-me o criado por quem mandei saber d'elle, que estava doente ? O que tem ? é coisa seria ?

Emilia — Não, minha senhora ; uma ligeira indisposição . . .

A marqueza (*não ouvindo bem*) — Uma indigestão? foi bem feito ! Comeu como um . . . como um velho soldado !

Julia (*sorrindo*) — Perdão, mamã ; a Emilinha disse uma ligeira indisposição.

A marqueza — Ah ! antes isso. Mas vamos lá : onde está elle ! quero vel-o.

Emilia — V. ex.ª quer fazer-lhe a honra de ? . . .

A marqueza — Pois para que vim eu cá ? Antes de ir para S. Carlos, já havia tencionado visitar aquelle grande extravagantão ! Se elle comeu, que nem que tivesse muita saude ! . . . Vou chamar-lhe glutão quatro vezes pelo menos!

SCENA X

OS MESMOS E O DOUTOR

O DOUTOR (*comprimentando*) — Oh! sr.ª marqueza!...

A MARQUEZA — Boas noites, doutor. Aonde está esse *devorador*, que o quero esmagar com todo o peso das minhas prescripções medicas desprezadas por elle!

EMILIA (*designando-lhe a esquerda*) — Se v. ex.ª quer ter a bondade.., (*baixo para o doutor*) Se o vae encolerisar, talvez lhe faça mal.

O DOUTOR (*no mesmo tom*) — Pelo contrario, distrahe-lhe o espirito; e, como é já um habito, até lhe faz bem.

A MARQUEZA — Ora vamos lá... Mal pensa elle na *sarabanda*, que vae levar! (*para Julia que vae a seguil-a*) Espere aqui por mim; não é decente a uma menina entrar no quarto de um homem, embora velho como o major. O doutor que lhe faça companhia. (*sae com Emilia pela esquerda*)

SCENA XI

JULIA E O DOUTOR

JULIA (*com pueril contentamento, depois de os acompanhar e descendo*) — Ah! corre-me tudo hoje excellentemente! A modista levou-me um vestido muito bonito e elegante; a mamã permittiu-me de tarde que fosse só com o escudeiro comprar este bracelete, que me custou metade da quantia, que destinava para elle; de forma que tenho aqui ainda muito dinheiro para os nossos pobresinhos; e, finalmente, agora deixam-me só com o doutor, a quem necessito muito e muito fallar. Decididamente, estou hoje d'uma felicidade... inexplicavel!

O DOUTOR (*sorrindo*) — Que direi eu, minha senhora, gozando o prazer de lhe ouvir essas singelas confissões?

JULIA (*sorrindo*) — Sempre amavel! Ouça, doutor: a

metade dos nomes que me deu, já tem uma cruzinha. Sabe o que significa a cruz?

O DOUTOR — Provavelmente que esses desgraçados já sentiram os effeitos de tão respeitavel symbolo; isto é, tiveram fé, sorriu-lhe a esperança e valeu-lhes a caridade.

JULIA (*sorrindo*)—Não; não foi essa a minha idéa... mas, é linda, na verdade! Já me não esquece; tenho a mnemonica nas mesmas cruzinhas. Agora, passando a outro assumpto bem opposto: não sabe, doutor? querem casar-me.

O DOUTOR (*depois de um movimento de despeito*) — Sim; era... inevitavel.

JULIA — *Inevitavel*?! Pois não ha tantas senhoras que vivem e morrem solteiras?

O DOUTOR (*sorrindo, contrafeito*) — Não, geralmente, com a sua formosura, minha senhora.

JULIA — Sim? Pois olhe... antes queria ser bem feia, n'este caso! O noivo que me destinam é... é um noivo... vulgarissimo.

O DOUTOR — É o sr. Luiz de Andrade, segundo creio?

JULIA — É. Gosta d'elle!

O DOUTOR (*rapido e machinal*) — Absolutamente nada!

JULIA — Porque?

O DOUTOR (*sorrindo*) — Oh!... mas permitta v. ex.ª que .. que me cale: acabando de dizer que é seu noivo... foi uma imprudencia responder negativamente á sua pergunta.

JULIA — Ah! seria melhor dizer-me que sympathisava com elle, detestando-o, não? N'esse caso era o meu caro doutor um grande hypocrita, qualidade muito feia, e que eu aborreço de morte! Gosto da franqueza.

O DOUTOR — Com tudo, ás vezes é tão inconveniente...

JULIA — Nunca, doutor... para mim, pelo menos. Diga-me: o que acha no sr. Luiz de Andrade?

O DOUTOR (*com certa intenção*) — Nada!

JULIA (*rindo muito*) — *Nada*!?... Ah!... ah!... ah!... Justamente como eu!... Tambem o que lhe acho é... nada!

O DOUTOR (*rindo*) — Creio que v. ex.ª ligou outra idéa ao meu — *nada?*

JULIA — Diga antes ao seu grito da consciencia. (*rindo*) Ah!... ah!... Ai, eu rio agora; mas com verdade, não estou muito satisfeita... Casar!... esta idéa encerra em si tantos mysterios insondaveis!... Casar com... com um Luiz de Andrade!...

O DOUTOR — Então?... é rico.

JULIA — Isso é; mas...

O DOUTOR — Rapaz...

JULIA — Vinte e seis annos, creio...

O DOUTOR — Elegante...

JULIA — Assim, assim; tem um alfaiate detestavel!... e aquella constante luva côr de... sabão... é feio!

O DOUTOR — Poeta...

JULIA — Ah! lá isso é que não! O Luiz de Andrade poeta, é que eu não consinto.

O DOUTOR — Pois?... faz versos...

JULIA — Isso sim; rythma, metrifica, mas poeta!... Faz coisas com quatro, seis ou mais linhas, desde que me ouviu dizer que tinha amor aos versos... mas, se elle soubesse como eu comprehendo a poesia!... Se elle soubesse, que para mim ao poeta é-lhe preciso, não só elevar-se, mas... voar, deixe-me assim dizer! Nunca fez versos, doutor?

O DOUTOR (*scismando e com certa tristeza*)—Nunca, minha senhora.

JULIA — Está triste? que tem?

O DOUTOR — Afflige-me a idéa de a ver casada... não direi contra sua vontade, mas pelo menos, contrariada, parece-me.

JULIA — Afflige-se por isso? Pois não disse ha pouco que era inevitavel?

O DOUTOR — Sim, minha senhora; mas... sendo um marido que... que a amasse...

JULIA — E que certeza temos de que o Luiz de Andrade me não ame?...

O DOUTOR (*com fogo*) — Pois aquillo é alma que possa comprehender a sua, minha senhora?! Dar todo o valor a um complexo de tantas virtudes, formosura e espirito, não é permittido a todas as intelligencias felizmente, porque, do contrario, todos a amavam!

JULIA (*rindo*) — Seria uma calamidade, doutor.

O DOUTOR — Era uma justiça, minha senhora.

JULIA — Mas... em conclusão, doutor: o que me aconselha? Devo ou não casar com o sr. Luiz de Andrade?

O DOUTOR (*perturbado*) — Mas de que serviriam os meus conselhos a esse respeito, minha senhora? Se eu lhe respondesse negativamente, isso não importaria de certo uma resolução em contrario; porque, logo que a sr.ª marqueza o quer...

JULIA — A sr.ª marqueza ama-me com a maior ternura; essa rispidez com que trata meu irmão, é o contraste perfeito da condescendencia com que supporta as minhas... creancices ás vezes! e se eu lhe mostrar grande repugnancia por este casamento...

O DOUTOR (*radiante*) — N'esse caso... aconselho-a...

JULIA (*depois de silencio*) — A que?

O DOUTOR (*depois de silencio e com ar supplicante*) — A que não case com o sr. Luiz de Andrade!...

JULIA — Nem com elle, nem com outro!

O DOUTOR (*tremulo de alegria*) — O que deverei eu comprehender... d'esse protesto, minha senhora?

JULIA — Deve comprehender que... que vamos hoje formar aqui um pacto.

O DOUTOR — Qual?

JULIA — O meu querido doutor vai jurar-me... (*apresenta-lhe um papel*) sobre as minhas cruzinhas, que não se hade casar sem que eu me case primeiro. Jura?

O DOUTOR — Mas... minha senhora... faz-me antever uma tão grande felicidade que...

JULIA — Vamos. Jura?

O DOUTOR (*estendendo a mão sobre o papel*) — Juro... Juremos?

JULIA (*estendendo tambem a mão*) —Juramos! Bem; agora o meu doutor trabalhe, eleve mais ainda a reputação do seu nome, junte uma fortuna, que se faça notavel aos olhos da sr.ª marqueza, e... e veremos quem será o meu noivo.

O DOUTOR (*tremulo de alegria*) — Mas, minha senhora!... Poderei acreditar tanta ventura!?

JULIA — Não sei se é ventura, sei que é o premio d'um silencio prescripto pela sua honra, ainda que, estou certa, repugnante ao seu coração. O meu instincto de mulher penetrou-lhe na alma, leu-lhe ahi o amor mais respeitoso e puro... Se me engano, quebremos o nosso pacto e...

O DOUTOR (*rapidamente*) — Não, minha senhora! Visto que a tal me autorisa, que me faz esperar tão grande ventura, dir-lhe-hei que se enganou effectivamente: o que tenho no coração não é amor.

JULIA (*tristemente e rapido*) — Ah!...

O DOUTOR (*com fogo*) — É... adoração!

JULIA (*estendendo-lhe a mão*)—Creio! O tempo lhe mostrará que não terá de arrepender-se.

O DOUTOR — Mas em que poderia eu tornar-me digno de similhante felicidade? Quem sou eu?

JULIA (*enthusiasmada*) — É o homem honrado que ama e se cala por uma respeitosa deferencia para quem lhe abre as suas portas como a um amigo! É a intelligencia vasta e brilhante, que se curva aos desejos, ás vezes pueris, de uma creança! Finalmente, quem é o doutor? é o escolhido... pelo meu coração! N'isto se encerra tudo. Nem mais uma pergunta.

O DOUTOR (*beijando-lhe a mão*) — É um anjo, minha senhora.

JULIA — Silencio! vem alguem!...

SCENA XII

OS MESMOS, A MARQUEZA E EMILIA (*pela esquerda*)

A MARQUEZA — Aquillo hade ser nada: quem grita de similhante maneira, se não está bom parece-o. O doutor,

não acha tambem, que uma das grandes molestias do major é aquella força de genio? Nunca se viu uma coisa assim! Pois não teve o arrojo de me dizer que o meu cozinheiro era um... assassino!... Que o que lhe fez mal foi a qualidade e não a quantidade?! Mas não tem duvida: levou uma *sarabanda*, que lhe hade servir de lição para o futuro! Vamos, quero ver se ainda chegamos ao segundo acto, que tambem é o melhor da opera.

JULIA (*baixo para o doutor*) — Não vem?

O DOUTOR (*para a marqueza*) — Se me permitte a honra de a acompanhar?...

A MARQUEZA — Pois não; não é a primeira vez que tal faz: o senhor meu filho... não ha vel-o! ... Adeus, menina. (*estendendo a mão a Emilia, que lh'a aperta respeitosamente*)

JULIA (*beijando Emilia*) — Até cedo, Emilinha; sim?

EMILIA — Logo que o papá esteja restabelecido...

O DOUTOR (*indo á direita*) — Tragam luzes!...

(*A marqueza sae seguida por Julia e Emilia, que vão pelo braço uma da outra*).

SCENA XIII

JOÃO (*entrando cautelosamente pela porta do fundo e depois*) WALMORE (*pelo mesmo sitio.*)

JOÃO (*depois de observar bem a scena*) — Ninguem!... e provavelmente, hoje acabaram as visitas. (*fallando para a varanda*) Póde entrar, sr. Walmore. Nem viva alma!

WALMORE (*entrando com um chale manta sobraçado*) — Muito bem. Agora espere. (*senta-se a uma mesinha e escreve rapidamente*) « Amigo doutor. — Ás 11 horas e meia venha a sua casa e entre, sem prevenção, no gabinete pequeno, que diz sobre o jardim. Não se precipite: espere por esta hora e depois ... conversaremos seriamente sobre o que vir. Eu devo estar presente a essa hora. » Seu amigo sincero e dedicado — John Walmore. (*levantando-se*

depois de subscriptar) Tome bem sentido no que lhe vou dizer.

João — Sim, meu senhor.

Walmore (*depois de consultar o seu relogio*) — A's onze horas em ponto, vocemecê levará esta carta ao sr. doutor, que foi para S. Carlos, creio eu; entregar-lh'a-ha em mão propria... infallivelmente.

João — Sim senhor.

Walmore — Agora... tome lá: (*tirando de uma carteira notas do banco*) aqui tem vinte libras para si.

João (*radiante, accentuando*) — Vinte libras!...

Walmore — Guarde-as, mas com a condição que hade já e já sair d'esta casa, para nunca mais aqui voltar.

João — Por vinte libras... sim senhor!

Walmore (*mostrando-lhe mais dinheiro*) — Agora estas outras vinte libras são...

João (*esbugalhando os olhos*) — Para mim tambem?!

Walmore — Não; são para pagar ao primeiro ladrão ou assassino que me apparecer á mão, para dar um tiro ou uma facada em vocemecê...

João — Credo!...

Walmore — Apenas me conste que vocemecê disse a alguem uma só palavra do que se tem passado n'esta casa.

João (*aterrado*) — Serei calado como uma estatua, sr. Walmore!... (*comsigo*) Safa! eu te arrenego, inglez!

Walmore — Veja bem... pense lá comsigo, que, por vinte libras, não faltará quem mate um tratante como vocemecê é.

João — Já pensei!... (*comsigo*) Talvez eu mesmo por ellas, me tentasse comtigo, meu bife.

Walmore — Bem: pode sair.

João — A's suas ordens. (*sae pela direita*)

SCENA XIV

Walmore (*só, observando a scena*) — E' este o gabinete, não ha duvida. (*indo á esquerda e observando*) Os quartos

interiores... (*indo á direita*) As salas, e a saida principal da casa, provavelmente. (*indicando o fundo*) E lá... o jardim. Bem Esperemos. (*senta-se*)

SCENA XV

WALMORE E EMILIA

EMILIA (*vendo-o, recuando espantada*) — Ah!!

WALMORE (*comprimentando-a com muito respeito*) — Senhora...

EMILIA — O sr. Walmore aqui!?

WALMORE — Sim senhora: como hontem não foi possivel fallar-lhe, procuro-a hoje com este fim.

EMILIA (*assustada e com certo espanto*) — Mas, senhor... meu pae está doente... não pode receber a sua visita; por tanto...

WALMORE — Por saber isso mesmo, é que aqui estou, minha senhora.

EMILIA — Mas... senhor Walmore... não comprehendo!... Nenhum dos meus criados me annunciou a sua visita, e estranho sobre maneira...

WALMORE — Não podiam annunciar-me, porque eu... entrei por ali. (*designando o fundo*)

EMILIA — Como?!... Entrou em minha casa occultamente e... Mas sr. Walmore, ignorando os seus fins, permitta-me, comtudo, que lhe mostre a minha... surpreza por um passo tão pouco em harmonia com o seu caracter e maneiras.

WALMORE — A senhora está no direito de estranhar, ou não minhas acções; não o está, comtudo, para formar de mim qualquer juizo, sem me ouvir.

EMILIA — E ser-me-ha permittido, na minha posição, e na minha edade, escutar a sós um cavalheiro que entrou em casa de meu pae como...

WALMORE — Como um ladrão, como um malfeitor; não, senhora? (*com certo pezar profundo e amarga ironia*) Não

vê que está dirigindo a si mesma uma accusação pungente?! Serei eu o unico, eu, John Walmore, o homem honrado, que o mundo respeita, serei o unico que entre occultamente por aquella porta como um ladrão, como um malfeitor?

Emilia (*encostando-se a uma cadeira muito perturbada*) — Comprehendo! (*abafadamente*) O sr. Walmore vem... (*cobrindo o rosto com as mãos*) vem matar-me de vergonha!. .

Walmore (*tomando-lhe delicadamente a mão*) — Engana-se, minha senhora; venho salval-a. (*gesto de espanto de Emilia. Conduzindo-a para um sophá*) Sente-se, minha senhora, e ouça-me.

Emilia (*duvidosa*) — Mas... com que direito?...

Walmore — Os meus direitos são os que tem todo o homem de bem para praticar uma boa acção. Faça-me o favor de se sentar.

Emilia (*comsigo, sentando-se*) — Meu Deus!... coragem!

Walmore (*sentando-se a uma certa distancia*) — Em primeiro logar, senhora... ha dois annos que a amo em silencio e com toda a força de um coração, que pela primeira vez se sentiu impressionado por uma mulher.

Emilia (*levantando-se*) — Sr. Walmore!...

Walmore — Socegue; era esta a primeira explicação que tinha a dar para ser comprehendido pela senhora; e será tambem, estou certo, a ultima vez que lhe fallarei no sentimento que me inspirou (*convidando-a a sentar-se por um gesto: ella obedece*) Indaguei tudo quanto lhe diz respeito, até as mais pequenas circunstancias da sua vida, e d'estas indagações conclui, que a senhora é um anjo no caracter e uma mulher... na desgraça!

Emilia (*com espanto*) — Na desgraça!?

Walmore — Na desgraça, sim, senhora! Arrastada por uma traição infame aos braços de um homem indigno de a possuir...

Emilia (*com dignidade*) — Sr. Walmore!...

Walmore — Perdão; sou franco, nem podia deixar de o ser para chegar aos meus fins. Houve um homem que lhe

disse que a amava: a senhora acreditou-o: ainda mal! Para o caracter inconsistente e vicioso d'aquelle homem, a posse material de uma mulher é no que se encerra o amor; comprou um criado ignobil, e certa noite, entrando occultamente como um facinora na casa de um homem de bem, caiu-lhe aos pés da filha, que, sobresaltada pelo pejo da donzella e pela alegria da amante, não teve forças para o repellir! O primeiro passo estava dado no trilho da deshon... (*emendando a um gesto d'ella*) da desgraça! Esse homem continua a frequentar occultamente esta casa, semeando a deshonra, a infamia, e talvez... a morte.

Emilia (*que tem estado tremula e muito commovida*)— Ai, sr. Walmore!... cale-se!... cale-se, pelo amor de Deus! Admittindo que as suas intenções a meu respeito sejam na verdade muito louvaveis; acreditando-o um homem honrado e sizudo, como disse; que devo eu ver que o autorise a classificar tão... baixo esse homem que amo e que me ama? Em que se tornou elle digno de nomes tão humilhantes como os que v. s.ª tem proferido?

Walmore (*com certa amargura*)— Em que?

Emilia — Pois porventura um erro não pode ser expiado pelo arrependimento? Pois o cumprimento de um dever não pode lavar a nodoa, que a sua... leviandade (direi) lançou sobre a minha familia?

Walmore (*levantando-se*)—Vive illudida com elle, não lhe conhece o caracter, e sobretudo, ignora a sua triste posição!

Emilia — Oh! pelo amor de Deus! explique-se!

Walmore — A explicação é facil. Tive hoje uma conferencia com elle em minha casa. D. João está extremamente compromettido com dividas enormes, que não pode pagar. O jogo, as orgias, e... os amores levaram-no a este deploravel estado!

Emilia (*anciosa*) — Os amores?!

Walmore — As amantes, sim, senhora. (*apresenta-lhe umas poucas de cartas*) Veja.

Emilia (*correndo rapidamente com os olhos a scartas*) —D'elle!... cartas d'elle... para...

Walmore — Para outras: tive cuidado de... de as comprar, adivinhando a difficuldade que a senhora teria em acreditar-me.

Emilia (*observando-as ainda*) — E datas... recentes! (*dando-lh'as e caindo n'uma cadeira chorando*) Ah! é indigno!

Walmore — Já vê, senhora, que em nada a engano. Rebaixar-me-hia a meus proprios olhos se o fizesse; assim, como da mesma forma, me consideraria aviltado, se esta minha espionagem fosse egoistica: não! O meu fim é mais elevado; quero salval-a, á senhora, salvando tambem da morte um velho respeitavel, e da deshonra um moço honrado e de talento, a quem consagro a maior estima. Fallo de seu pae e de seu irmão.

Emilia (*chorosa*) — Mas... apezar de tudo isso, sr. Walmore, com similhante caracter (que eu não conhecia) serei desgraçada, com certeza; mas não vejo ainda motivo para que o sr. D. João deixe de cumprir um dever de honra!

Walmore — Vêl-o-ha, logo que o interrogue: elle occultou-lhe que tendo já fallado n'isso a sua mãe, a resposta negativa foi acompanhada de uma ordem formal de se unir em casamento com uma D. Rosa de Andrade, ou o que quer que é, muito rica, e unico meio de salvação para elle.

Emilia — Ih! Jesus! (*depois de pausa*) Desobedecerá a sua mãe!...

Walmore — Não o pode fazer, porque a marqueza tem meios, e provas, e caracter para o deshonrar perante o mundo e leval-o aos tribunaes e mesmo á cadeia.

Emilia (*desorientada*) — Então... estou completamente perdida!... Então, quando já não puder occultar o crime, terei de apparecer a meu pae, carregada de opprobrio e vergonha, insultando-lhe os seus cabellos brancos com a prova visivel da minha deshonra!... Oh! mas isto é horrivel! isto é impossivel!... isto...

Walmore — Não hade acontecer.

Emilia (*lavada em lagrimas*) — Quem o poderá impedir?!... (*como tomada por uma idéa*) Ah! sei!... A morte!

Walmore — Não; eu.

Emilia — O senhor!?... Levará a sua abnegação a ponto de...

Walmore (*interrompendo-a e com certa saudade*) — Senhora, quando eu era pequeno, ouvi uma vez minha mãe dizer-me: — John! quando vires chorar uma mulher, não a desprezes: se não é a virgem que era, pode ser... a Magdalena que soffre! — E minha mãe era uma santa; e eu jurei fazer tudo que minha mãe me aconselhou!

Emilia — Oh! o filho de quem tal disse, deve ser um archanjo de salvação! (*caindo de joelhos*) Ai! salve-me, sr. Walmore, e a minha vida toda será pouco para lhe pagar!

Walmore — Não ajoelhe, que a victima não se curva senão aos pés do algoz que a opprime, mas nunca diante d'aquelle (*levantando-a*) que lhe estende a mão. (*vendo o relogio*) São mais de onze horas: esse homem espera, sem duvida, o signal convencionado para a sua entrevista. Diligenceie mostrar-se socegada e interrogue-o: depois n'uma outra conferencia, me dirá as suas idéas (*comprimentando-a*) Senhora... (*dirigindo-se ao fundo*)

Emilia — Por ahi não; pode vêl-o. Por aqui... (*indicando-lhe a direita*)

Walmore — Como queira. Tenho uma chave da porta do seu jardim; podia talvez sair sem ser visto.

Emilia — E' que elle...

Walmore — Comprehendo; está lá. Bem. Minha senhora, tenho a honra... (*inclina-se e sae pela direita*)

SCENA XVI

EMILIA SÓ, depois D. JOÃO

Emilia (*diligenciando socegar*) — Parece-me tudo isto um sonho... mau!... Elle... trahir-me!... amantes!... amantes, elle!. . Oh! vejamos! (*pega n'uma das serpentinas e leva-a duas vezes defronte de uma das janellas. De-*

pois desce, e escuta a todas as portas) Tudo em socego!... Oh! que não sei o que me diz o coração!... Animo!

D. João (*entrando pelo fundo*) — Quem estava aqui?

Emilia (*diligenciando mostrar-se socegada*) — Uma vizita para... meu pae.

D. João (*com certa desconfiança*) — Ah!

Emilia (*depois de silencio*) — Não me dás um abraço, João? Ha tres dias que nos não fallamos...

D. João (*distrahido e sombrio*) — Ah! Sim; perdão... (*depois de abraçar, como machinalmente*) Estás boa?

Emilia (*fingindo sempre socego, mas com grande esforço*) — Não; estou doente...

D. João (*sempre com certa frieza*) — O que tens?

Emilia (*com fogo*) — O que tenho!?... (*com um sorriso ironico misturado de lagrimas*) Perguntas-me o que tenho, João?!..

D. João (*reparando n'ella*) — Sim, o que tens? estranho-te hoje!... Lagrimas!... O que tens, Emilia?

Emilia (*desafogando*) — Oh!... o que tenho!? Tenho, que cada dia que desapparece, cada hora que corre, cada minuto que se escôa, são outros tantos martyrios que me pungem esta alma, João! Tenho, que quando me deito ou levanto, o beijo de meu pae, que me toca a fronte, é um ferro em braza que me penetra o coração! Tenho, que esses olhos da sciencia com que meu irmão muitas vezes procura adivinhar os meus padecimentos physicos, são mil anciedades de quem espera a todo o instante ouvir a exclamação do medico, que conhece... a deshonra! Emfim, João, tenho a vergonha, o desespero, o medo... o infernona vida!

D. João (*perturbado*) — Mas... a tua intelligencia não te faz ver a indispenabilidade de taes afflicções?... Pois não sabes que ainda temos um remedio... um meio...

Emilia (*agarrando-lhe as mãos*) — Tu hasde dar-m'o, não é verdade, João?!... A'manhã... ámanhã mesmo, virás pedir-me a meu pae, não é assim?

D. João (*abaixando a cabeça*) — A'manhã...

Emilia — Ai, hoje mesmo, se fôr possivel!...

D. João (*com profunda tristeza*) — Emilia... Não quero que nutras por mais tempo esperanças, que, quanto mais arreigadas, maís cruel seria o desengano. Não posso pedir-te a teu pae...

Emilia — Não podes?!

D. João — Não: se soubesses qual é hoje a minha situação!...

Emilia — Sei-a; mas não a acho capaz de te fazer esquecer os teus deveres de honra.

D. João (*espantado*) — Sabes?!

Emilia — Sei tudo, João! Tens levado uma mocidade estragada: estás empenhado, perdido, em risco até de te roubarem a liberdade...

D. João — Mas...

Emilia — O jogo levou-te parte, os amigos, provavelmente, dissiparam-te o resto; e, por meios illicitos, creio, obtiveste mais oiro para abrilhantar as tuas amantes...

D. João (*confuso*) — As minhas amantes!?... Dou-te a minha palavra de honra...

Emilia (*pondo-lhe a mão na bocca*) — Não sacrifiques mais a tua honra, João! Cala-te! Tives... tens amantes... (*rindo convulsivamente, e com affectada indifferenca*) Ah! .. ah!... ah!... que tem isso de extraordinario, João!... és um rapaz... (*continua a rir*) Ah!... ah!... ah!... és um fidalgo!... Está-te bem, até... (*suffocada pelo choro e caindo n'uma cadeira*) Ah! João, eu não t'o merecia, não!

D. João (*meio irado*) — Mas quem veiu fallar-te na minha má posição presente, Emilia? Quem te contou tudo isso? mentiram-te!

Emilia (*depois de silencio e diligenciando socegar*) — Não mentiram, não; mostraram-me provas de tudo isto. Sei que tua mãe pertende casar-te com uma mulher milionaria, que vae a tua casa. Sei que lhe não podes desobedecer, porque a sr.ª marqueza tem o direito e os meios de... de te fazer muito mal, João! Sei tudo isto. Desejo por tanto saber tambem... quero-o, exijo-o, o que tencionas praticar n'esta conjuntura.

D. João — Ainda não sei: heide pensar...

Emilia — Hasde pensar?! Mas não vês, não comprehendes que cada dia que passa é uma eternidade de angustias para mim? Não vês que se Deus ordenar que eu seja mãe, antes de ser esposa, meu pobre pae...

D. João — Tens razão, Emilia; seremos muito desgraçados, mas... fugiremos em breve para...

Emilia — Fugir comtigo?! deixar meu pae, meu irmão... E o mundo?! o que dirá o mundo? Verá porventura, em ti o filho prodigo que dissipou a sua fortuna? não: verá a victima de uma mulher caprichosa, que te obrigou a deixar tua mãe, tua casa e a tua patria! Cairá sobre mim o anathema d'essa sociedade, que te rodeia; e, ainda que me não fira na minha consciencia, alcançará meu pobre pae n'aquillo que mais preza, a sua honra! Não, João, não me falles em fugir da casa de meu pae! é indigno!

D. João (*desesperado*) — Faltava-me mais este supplicio!... Depois de procurar debalde os meios de me rehabilitar; depois de me ver cercado pelas consequencias da minha prodigalidade; depois de desprezado por aquelles a quem dei o meu dinheiro aos punhados; faltava-me só o remorso que a tua situação me faz sentir, Emilia! (*desesperado*) Oh! maldita a hora em que te...

Emilia (*tapando-lhe a bocca*) — Cala-te! (*com muita ternura*) Falla com tua mãe, é mulher... é mãe... (Ai, e com que saudades eu me lembro ainda do que é uma mãe!) confessa-lhe tudo!... Ajoelha... implora...

D. João (*suffocado pelo choro*) — Oh! não a conheces, Emilia!

Emilia (*encostando-se-lhe ao hombro*) — Tu choras?... Olha, chora, chora tambem diante d'ella... verás! As lagrimas de um filho são para mãe gotas de bronze derretido, que se lhe entornam sobre o coração! Verás: chora diante d'ella e... hade abraçar-te, hade perdoar-te... hade abençoar-nos!

D. João (*como se fallasse comsigo*) — Não, não hade! Hade atirar-me ao rosto com os seus diamantes empe-

nhados, com a sua firma falsificada, com... Oh! soffrerei tudo, menos uma tal abjecção! um tal opprobrio!

EMILIA (*aterrada, escutando á direita*) — Foge!... vem alguem!...

D. JOÃO (*correndo para o fundo*) — Adeus!...

WALMORE (*ao fundo, obstando-lhe a saida*) — Espere!... Justifique, ao menos, essa senhora perante seu irmão! (*fica no fundo como uma estatua*)

SCENA XVII

D. JOÃO, EMILIA, WALMORE E O DOUTOR

O DOUTOR (*entrando e vendo os dois*) — O que significa isto? (*Momento de silencio. Emilia dando um grito, esconde o rosto com as mãos: D. João, tremulo e perplexo, fica com a cabeça perdida e extremamente commovido: Walmore ao fundo, contemplando-os firme e impassivel: o doutor exprime espanto e a pouco e pouco um crescente receio.*)

O DOUTOR (*depois de longo silencio*) — Explicar-me-hão o motivo porque venho encontral-os aqui... a estas horas... e n'um tal estado de perturbação?... (*descendo e vendo que ninguem responde*) Sr. Walmore... explique-me o seu bilhete!... (*tremulo*) João, dize-me o que vieste fazer aqui... (*colerico*) Vamos, senhores! será preciso que lhes lembre que estou em minha casa?!

WALMORE (*descendo um pouco*) — Doutor, peço-lhe que não se deixe levar por um movimento de colera improprio de um homem intelligente. O meu fim, entrando aqui occultamente, foi para que esse senhor justifique a seus olhos a innocencia... a inculpabilidade d'essa senhora n'esta deploravel situação.

O DOUTOR — Mas qual situação?!... Será possivel que... (*a Emilia, agarrando-lhe n'um braço, e trazendo-a á bocca da scena*) Responde!... Com que fim está aqui o sr. D. João?! (*Emilia baixa os olhos*) Não respondes!...

EMILIA (*ajoelhando*) — Perdão, Augusto!... perdão!...

O DOUTOR (*aterrado*) — Será crivel que... Oh!... (*para

D. João) Tu, que me chamavas amigo!... tu, que... (*para Emilia*) Levante-se, senhora!... E' d'uma tal indignidade... de uma infamia tão atroz, que ainda me custa a crer que...

D. João — Não a martyrises, por tudo quanto ha de mais sagrado t'o peço!... fui eu... eu, que pela loucura do meu caracter me introduzi aqui, sem seu consentimento; eu que fui um indigno; mas... poupa-a, que em nada foi culpada! Sou eu, bem alto o confesso! eu... um mau amigo! um malvado! um traidor!...

SCENA XVIII

OS MESMOS E O MAJOR (*pela esquerda*)

O MAJOR (*pallido, tremulo e n'um accesso de colera, corre a uma das panoplias, empunhando uma espada e indo para D. João*) Os traidores... matam-se!!

WALMORE (*segurando-o*) — Major!!

O DOUTOR E EMILIA — Meu pae!...

O MAJOR (*forcejando*) — Deixem-me desaffrontar a minha honra!!

EMILIA (*caindo-lhe de joelhos aos pés*) — Perdão!... perdão!... perdão para o pae de meu filho!...

O MAJOR (*recuando*) — De teu...?! Ai!... mal... maldita!!... (*cae sem sentidos n'uma cadeira*)

O DOUTOR (*ajoelhando junto d'elle para o soccorrer*) — Meu pae!!

EMILIA (*desorientada*) — Maldita!!... elle disse... maldita!!... (*no maior desespero*) Oh!... o que me poderá salvar agora?!...

WALMORE (*estendendo-lhe a mão*) — O meu nome! (*para D. João, apontando-lhe para a porta. D. João sae profundamente commovido. Emilia cae de joelhos aos pés de Walmore agarrando-lhe as mãos, e olhando espantada para o major, que vae tornando a si*)

Cae o panno

ACTO III

EM CASA DO MAJOR

Sala n'uma casa de campo proximo de Lisboa. Portas aos lados e ao fundo: mobilia simples e moderna. Um piano. Um biombo.—E' dia.

SCENA I

A MARQUEZA O MAJOR E JULIA

(*NB. A marqueza e o major, sentados a uma pequena mesa, jogam o gamão: Julia inclinada sobre uma mesinha de costura, lê um jornal com muita attenção. Tanto uma como outra estão vestidas com a maior simplicidade*)

O MAJOR (*radiante, depois de deitar os dados*)—já *lhe dei*, sr.ª marqueza!... já *lhe dei* (*jogando*) *Seis e dois!... bumba!*

A MARQUEZA (*recolhendo a tabula*) — E' d'uma felicidade incrivel!... Nunca se viu uma coisa assim, com toda a certeza!... D'esta forma quem não hade perder?!...

O MAJOR — E a teimar!... Mas se lhe repito duzias de vezes, que jogo isto ha trinta e tantos annos, que sei calcular as posições e...

A MARQUEZA — Isso é que é teimar! querer-me fazer imaginar que a intelligencia não suppra a pratica d'esses trinta e tantos annos!...

O MAJOR — Ah! insiste em que joga isto já perfeitamente?

A MARQUEZA — Insisto. Pois que tem que jogar com o seu dado?

O MAJOR — Já se vê... o costume! Ora pois venha cá: Se a sr.ª marqueza, em vez de collocar esta pedra aqui, (*designando o sitio*) com o *quatro* e *tres*, que deitou antes

do meu *seis* e *dois*, a pozesse aqui, já eu lhe não dava! Vê?

A MARQUEZA (*desmanchando o jogo*)—Teria logo o pontinho de encommenda para lhe dar. — O dado é que é tudo, major. Vamos a outro, que este está perdido. *Deite duas.*

O MAJOR (*deitando os dados*) Uma... (*outra vez*) duas... Quinas!... bravo!

A MARQUEZA (*mirando os dados*) — Ein?... *Quinas*?... (*desesperada*) E'isto! é d'uma fortuna... de fazer perder a cabeça!

O MAJOR (*muito satisfeito e mirando o jogo*) — Oh!... oh!... Elles hãode fazer o seu dever.

JULIA (*correndo para elles*) — Major!... Major!... Mamã! Aqui está um lindo artigo, que diz respeito aos nossos viajantes!... Vem na chronica de Paris n'este jornal... a *Revista dos Dois Mundos.*

O MAJOR (*avidamente*) — Leia! Leia!

JULIA (*lendo*) — Il nous manque encore avant de terminer...

O MAJOR — Em portuguez... por favor; bem sabe que eu de francez, nem *patavina!*

JULIA (*depois de um sorriso*) Ah!... desculpe, major (*lendo*) «Faltava-nos ainda, antes de terminar esta chro»nica, fallar n'uma notabilidade, que, dia a dia, se vae »distinguindo entre os nossos homens mais salientes no »seu genero. Fallamos... do sr. doutor Augusto da Costa, »distincto medico portuguez, que reside entre nós ha al»gum tempo. O seu talento e profundos conhecimentos es»tão obrando verdadeiros prodigios no hospital de S. Eus»tachio. A uma educação esmeradissima, a um caracter »benigno e extremamente delicado, o sr. doutor Costa »reune a qualidade de homem espirituoso, o que lhe tem »aberto os salões mais elegantes de Paris, onde, inques»tionavelmente, é considerado por todos como um verda»deiro homem... *comme il faut* (*interrompendo-se*) Não tem traducção possivel, major...

O MAJOR (*muito alegre*) — Sim... quer dizer, um

homem... de bem? Se é isso... é quanto me basta saber.

JULIA (*continuando*) — «Depois de um aturado estudo so-«bre todos os ramos da sua sciencia, o sr. doutor Costa, «infelizmente, vae breve voltar para a sua patria, na com-«panhia de sua interessantissima irmã. Oxalá que ainda «um dia o possamos ver novamente n'esta terra, para nosso «regosijo e para allivio dos que soffrem. Comprimentando «aqui o sr. doutor Costa em despedida, felicitamos o paiz que possue um tal filho.

O MAJOR—Pois senhores, foi gente com que sempre *embirrei*, os francezes; mas declaro-lhes que vou sympathisando com elles!... E' o tal proverbio—*Quem meu filho beija...*

A MARQUEZA — Não era sem fundamento, bem vê, o que eu lhe disse muitas vezes: seu filho ainda lhe hade dar uma velhice muito feliz!

O MAJOR (*radiante*) — Aquillo é um anjo, sr.ª marqueza.

JULIA — Mas o que ainda aqui ha de mais agradavel, major, é que este jornal é do dia primeiro, e estamos a vinte e sete, por tanto...

O MAJOR — Não podem tardar por ahi, bem sei! Se lhes parece, no fim de dois annos!... Além da carta que elle me escreveu ultimamente, diz-me tambem o coração que não tardará muito que o não abrace!

A MARQUEZA (*com certa tristeza*) — Você é feliz, Major! tem um filho que espera abraçar; em quanto que eu...

O MAJOR — Ora... adeus!... Vem as tristezas do costume? Não tem ali tambem aquelle anjo? Não tem d'aqui a pouco mais dois filhos para abraçar?

A MARQUEZA — Dois filhos?...

O MAJOR — Pois o que são os meus filhos senão seus tambem, e a sua, minha?! Isto, ja agora, é uma só familia. Eu, pelo menos, assim o imagino cá no coração.

JULIA (*abraçando-o*) — Com é bom, major!

A MARQUEZA — E lembrar-me eu que no meio de tão boa gente... porque eu tambem me considero boa; não sei se sabem?

JULIA (*beijando-a*) — E tem razão, mamã.

A MARQUEZA — Lembrar-me que me havia de sair assim... aquelle *valdevinos!* Sempre desejava que me dissessem aonde foi elle aprender a ser tão...

JULIA (*com meiguice*) — Deixe-o mamã: bem lhe basta... o remorso que provavelmente... que com toda a certeza, hade sentir pelo mal que lhe fez!

A MARQUEZA — Dar-me cabo de tudo!... empenhar-se, a ponto de me reduzir á miseria, quasi, para pagar-lhe as dividas e não o ver na cadeia! — Meus ricos diamantes!...

JULIA — Hade tel-os outra vez, mamã, verá! O João hade trabalhar, hade rehabilitar-se e...

A MARQUEZA — *Hum!*... duvido! Aquillo não é cabeça que tome sizo.

O MAJOR (*com certo ar sombrio*) — Mas para que hade estar sempre a fallar n'elle? Portou-se mal... pessimamente! Falsificou-lhe a sua assignatura, empenhou-lhe os seus diamantes, emfim, reduziu-a á pobreza: a sr.ª marqueza vendeu a sua casa, não o quiz mais ver: veiu residir comigo, unico amigo verdadeiro que pôde encontrar: paga metade dos nossos gastos, e... está tudo dito, emfim! E' uma historia simplissima, que se vê por ahi todos os dias. Para que havemos estar a fallar n'isto a cada instante?

A MARQUEZA — Você parece que ainda o aborrece mais do que eu, major!...

O MAJOR — Eu?... Ora essa! importa-me cá... (*comsigo*) Tratante!

JULIA — Tomára eu já ver a nossa Emilinha... o nosso querido doutor...

O MAJOR — E o inglez... que hade vir insupportavel, faço idéa! Meu filho diz-me n'uma das suas cartas, que o atacou a tal molestia... ai! como se chama, menina?

JULIA — Spleen.

O MAJOR — Isso! que não passa de uma *pieguice*, estou certo. Pois é lá crivel que um homem... (*Julia colloca a*

banquinha de costura junto ao piano, e restitue o banco ao seu logar)

A MARQUEZA (*que tem estado a scismar*)—Ó major, nunca encontrou o meu João?

O MAJOR (*machinalmente*) — Deus me livre!

A MARQUEZA (*não percebendo*) — Ein?

O MAJOR — Digo que... que não; nunca mais o vi. Tambem não admira: desde que viemos para o campo, ha anno e meio, tenho ido a Lisboa creio que uma duzia de vezes, se tanto.

A MARQUEZA — Ah! (*fica pensativa*)

O MAJOR — É um pedaço bom, e eu já não estou para cavallarias. (*para a marqueza*) Vem chegando o somno, sr.ª marqueza? (*bocejando*) Eu tambem já por cá o sinto!...

A MARQUEZA (*bocejando*)—Ah!... (*sentando-se mais commodamente na poltrona*) Aposto que são quatro horas?

O MAJOR (*vendo o relogio*)—Faltam-lhe... dez minutos. Vou encostar-me um boccado. O que eu ainda heide ter é algum desgosto, com o seu costume de dormir ahi, sr.ª marqueza!...

A MARQUEZA (*bocejando mais*) — Ah!...ah!... Ora major... trate de si! trate de si, que não tem pouco de que tratar.

O MAJOR — Pois sim, veremos; algum golpe de ar... (*bocejando*) Ah!... Adeus, menina Julia; até logo.

JULIA — Adeus, major. Sonhos agradaveis (*rindo*) é o que mais lhe desejo.

O MAJOR — Vou sonhar... com a chegada d'aquella gente, olá. (*sae*)

SCENA II

A MARQUEZA E JULIA

JULIA (*chegando-lhe um banquinho para ella pôr os pés*) — Aqui tem o seu banquinho, mamã.

A MARQUEZA — Ah!... é verdade... Por isso me fal-

tava o que quer que era. (*collocando-se á sua vontade*) Ah! . . .

JULIA (*sentando-se ao piano*) — Vou tocar-lhe hoje . . . uma coisa muito bonita; verá! (*depois de um pequeno preludio em menores, canta a meia voz um rimance; Depois dos primeiros compassos, a marqueza adormece e resona alto e socegadamente*)

JULIA (*a meia voz canta um rimance francez qualquer, em menores*)

(*Levanta-se, chega á marqueza com muita precaução, e depois de verificar que dorme profundamente, puxa pelo cordão de uma campainha, que se sente tocar dentro Comsigo*) Estou devéras com cuidado n'elle! . . Faltou hontem, que completaram os oito dias do costume! . . .

SCENA III

JULIA E MARIA

MARIA (*entrando*) — Minha senhora?

JULIA (*indicando-lhe a marqueza*) — Devagar! Veiu hoje?

MARIA — Sim, minha senhora; lá está escondido na cozinha.

JULIA (*tristemente*)—Na cosinha! . . . Diga-lhe que pode entrar.

MARIA — Sim, minha senhora. (*sae*)

SCENA IV

JULIA, e depois D. JOÃO

JULIA (*comsigo*) — Na cosinha! . . . Pobre rapaz! . . . Oh! que se elle tivesse o coração na cabeça! . . . (*vae novamente junto da marqueza, observando-a; depois dirige-se á porta por onde saiu o major e escuta algum tempo*) O major tambem dorme provavelmente. . . Bem! Vamos a esta

virtuosa traição! . . . (*chegando-se á outra porta e chamando a meia voz*) Entra.

D. João (*entrando cautelosamente e vestido com muita simplicidade*)—Ha uma hora que espero, Julia! . . . (*abraçando-a e beijando-a com muita ternura*)

Julia (*depois de tambem o beijar*) — Tem paciencia, não pôde ser mais cedo, bem vês. Adormeceu n'este instante.

D. João (*dirigindo-se mansamente para a marqueza, muito commovido, ajoelhando, e beijando-lhe a mão com muito cuidado*) — Minha querida mãe! . . . (*momento de silencio: D. João soluçando, continua a beijar a extremidade do chale que cobre a marqueza: Julia vae novamente espreitar á porta por onde saiu o major*)

Julia (*commovida*)—Basta, João! olha se a acordas! . . .

D. João (*descendo e limpando os olhos*) — Se ella sonhará comigo! . . . Deus o não permitta, que talvez mesmo em sonhos me amaldiçóe! . . .

Julia (*depois de curto silencio*) — Isto hade acabar, verás. Porque não vieste hontem? Eram justamente os oito dias do costume . . .

D. João — Estive doente . . . Além d'isto, apezar de ser domingo, como hoje se havia publicar um supplemento ao jornal de hontem, tive de ficar para o *rever*. Quando acabei era já tarde, e como gasto muito tempo de Lisboa aqui...

Julia — Vens sempre a pé?

D. João (*sorrindo*) — Pois quanto me levava um trem para me trazer cá? As minhas economias de duas semanas, pelo menos.

Julia (*sorrindo amargamente*)—Tu, João tu que não eras capaz de ir de casa á cidade baixa, sem ir em alguns dos trens! . . .

D. João (*rindo*) — Então? . . . Comprehendi hoje que era mais hygienico o andar quadruplicado caminho a pé. E comtudo, antes fossem só essas e outras privações, os castigos do que fiz! . . . Mas, olha, Julia: esta idea de ser odiado por minha mãe . . . !

Julia — E julgas que te odeia? És louco! . . .

D João — Se assim não fosse, porque não me chamaria para seu o lado? . . . porque não vem viver comigo?

Julia — Por um capricho, devido ao seu caracter e á sua edade. Sabes muito bem que, depois que se descobriram as tuas . . . desgraçadas loucuras, a sr.ª marqueza pagou tudo, para evitar a tua deshonra. Esperando que tu, com um sincero arrependimento rehabilitasses o teu proceder e a nossa casa empenhadissima, tu . . .

D. João — Eu, desesperado e louco pela partida d'essa mulher, que ainda hoje amo, e mais do que nunca talvez! procurei no vicio distracções para o coração despedaçado por tantos golpes.

Julia — Fizeste mal! Não riscaste do coração a imagem da amante; ateastes mais a colera de nossa mãe, e reduzistel-a quasi á miseria! Apezar de tudo, julgas que ella te odeia? enganas-te . . . é tua mãe, João!

D. João — Mas? . . .

Julia — Sabes porque te não chama? Porque o major, esse amigo dedicado, que com a maior delicadeza lhe abriu as suas portas, fazendo-lhe acreditar que tu lhe mandas ainda uma certa mezada para o seu sustento, e que, por tanto, ella nada lhe deve, esse homem honrado e generoso . . . (é incomprehensivel!) esse sim, João; esse é que te odeia por forma, que me tem dito muitas vezes que, se nossa mãe pensar alguma vez em te chamar para aqui, que elle foge para nunca mais nos ver! e tem-m'o jurado pela sua honra! Eu contei isto á mamã quasi sem querer; e ella, dando um profundo suspiro, respondeu-me: *Não virá que remedio?. . .* Mas olha João, aquelle *que remedio*, e o suspiro saudoso que o acompanhou, foi um lampejo bem expressivo do amor maternal que ainda ali ha n'aquelle coração! O major é a causa, acredita! . . . É um caracter bem celebre! . . . Quantas vezes pergunto a mim mesma se aquelle coração tão generoso e nobre, poderá abrigar um sentimento baixo e vil como é o odio! . . . Porque . . . afinal, que lhe fizeste?

D. João (*sorrindo com a mesma amarga ironia*) — O que eu lhe fiz, Julia?!

Julia — Sim; o que lhe fizeste? Pois se a verdadeira offendida te perdoa, decerto, porque te não hade elle perdoar... coisas, que só a amizade para com a mamã lhe dá direito de julgar como offensas proprias? Realmente, não comprehendo!

D. João — Não comprehendes, não, tu donzella innocente e pura, que não sabes o que são... os meus verdadeiros crimes! Olha, Julia, estás uma mulher, vou dizer-t'o. Repugna-me a idéa de que no teu singelo coração se invetera tambem esse odio justificadissimo que o major me tem. Não quero que julgues mal do homem generoso e honrado que abriu os braços a nossa mãe na miseria! Esse homem tem razão para me odiar... para me matar, até! Perdoava-lhe a morte, se elle na hora extrema me perdoasse tambem a minha indigna traição!

Julia (*espantada*) — Mas... não te comprehendo!

D. João — Comprehenderás facilmente, em te dizendo que, n'esse tempo em que eu, á custa da nossa fortuna, espalhava o oiro ás mãos cheias, comprei um criado do major, e introduzi-me uma noite em sua casa, para ahi lhe firmar a vergonha e a deshonra! Em te dizendo que uma noite fui surprehendido com Emilia por seu irmão, que me fulminou com uma justa colera, e por seu pae que... que a amaldiçoou! D'ahi a dois dias constou-me que o doutor, para occultar a vergonha de sua irmã, e a sua propria, saiu com ella de Lisboa, espalhando que assim era mister para evitar os progressos de uma doença que Emilia padecia. Constou-me ainda mais, que esse inglez João Walmore, sentindo por Emilia o mais vivo affecto, partiu tambem d'ahi a tempos, e encontrando-os em Paris se offereceu para dar um nome e um futuro a meu filho: ignoro se as suas propostas foram acceitas, ou não; provavelmente foram porque não contando com o meu arrependimento e com a minha rehabilitação, viram a miseria como futuro d'aquella creança!... Emfim, João Walmore será talvez marido de Emilia e eu... até essa derradeira esperança vejo fugir-me.

Julia (*commovida*) —Pobre irmão... E a mamã ignora...

D. João — Ninguem sabe tudo isto senão elles e agora tu. Já vês, que esse velho respeitavel tem todo o direito para me odiar!

Julia — Nunca ha similhante direito para quem professa a religião, que manda perdoar as injurias!... E tu... tens soffrido muito, não é assim?

D. João — Tenho, porque o remorso não é uma palavra sem significação! Só a conhece quem o sente!

Julia — E que tencionas fazer? Creio que não continuarás n'essa posição mesquinha em que te achas?

D. João — Não; de hoje a alguns mezes, depois de bem comprehender estes mysterios de jornalista em que me vou iniciando, tenciono partir para o Brazil, para adquirir os meios de desempenhar a nossa casa, e dar uma velhice descançada áquella pobre senhora, e a ti, minha Julia, um futuro mais feliz!

Julia — Por mim não te afflijas; estou certa de que... (*sorrindo com certa malicia*) Logo que o doutor volte das suas viagens, não serei mais obrigada a fazer flores, para... para me *distrahir*.

D. João — Deus te ouça! E' verdade... (*tirando um port-monnaie*) Aqui tens o que pude alcançar pelas tuas grinaldas. (*dá-lhe dinheiro*)

Julia (*espantada*) — Quatro libras!... Mas isto é impossivel, João!... Tu enganas-me!...

D. João — Engano-te?

Julia — Sim, enganas-me! Lembro-me perfeitamente que n'outros tempos, (*sorrindo*) nos tempos da opulencia! comprei grinaldas d'aquellas por seis mil réis, e quando muito, libra e meia: como é possivel que estas, feitas por mim, muito inferiores ás francezas, possam valer quatro libras? Enganas-me, repito E' que pões dinheiro da tua algibeira..

D. João — Eu?! (*sorrindo*) Aonde havia eu ir buscal-o? Não vês que com tres moedas por mez, do jornal, não posso fazer generosidades?

Julia — Mas então... quem é o ente, tão pouco conhecedor de similhantes obras, que assim as paga generosamente?

D. João — Não sei: é um velho, vestido de preto, sempre de lenço branco, e que parece estrangeiro. Não o conheço. Uma tarde, esperava ha mais de meia hora que a loja da modista estivesse deserta, para ir ali negociar as tuas flores, e já tinha notado que aquelle homem, a certa distancia, observava tudo quanto eu fazia. Não lhe liguei maior importancia; e, depois de vender as flores, saindo para a rua, notei que elle estivera observando tudo atravez das grandes vidraças da loja. Envergonhado (confesso) ia para fugir, quando se chegou a mim, e com uma pronuncia visivelmente estrangeira, disse-me, que muito o obsequiaria se d'ahi por diante lhe quizesse vender as minhas flores. Que elle ia todas as tardes tomar café ao *Grego*, e que ahi o encontraria quando quizesse. Effectivamente, d'esse dia por diante é elle quem fica sempre com a tuas lindas flores! Sem me perguntar preços, nem me dar uma palavra, apresenta-me com uma das mãos o dinheiro, e com a outra guarda-as no chapeo. Não sei quem elle é, nem tratei de indagar.

Julia (*scismando*) — E' celebre!... (*rindo*) Emfim, como elle as pague sempre assim com essa generosidade!... Olha, João; agora tenho uma incumbencia que te fazer. Quando voltares (de hoje a oito dias provavelmente) hasde trazer-me uma caixinha de tabaco de prata, (já que não pode ser de oiro!...) para a mamã, que anda sempre a zangar-se com a que tem! pelos modos, abre-se-lhe na algibeira e... Toma. (*dando-lhe dinheiro*)

D. João (*guardando-o*) — Não me esquecerei.

SCENA V

OS MESMOS E MARIA

Maria (*apressadamente*) — Minha senhora!... minha senhora!... Parou uma sege á porta; creio que será alguma visita, talvez para a senhora marqueza, e...

JULIA — Bem; eu já a acordo. (*Maria sae*)

D. JOÃO — Adeus, minha querida Julia!...

JULIA (*beijando-o e abraçando-o*) — Até de hoje a oito dias; sim?

D. JOÃO — Se não fosse tão longe, voltaria... todos os dias! Adeus!... (*vae á marqueza, ajoelha para lhe beijar melhor a mão*) Adeus, minha mãe!... minha pobre mãe!... (*a marqueza faz um pequeno movimento: D. João foge assustado; Julia corre rapidamente a ajoelhar junto d'ella e pega-lhe na mão que beija repetidas vezes*)

A MARQUEZA (*acordando*) — Ah!... (*abrindo os olhos*) O que é isto!?

JULIA (*tremula pelo susto e pela mentira*) — Sou eu, mamã... Olhe que era eu!... Vi-a tão bonita a dormir, que não pode resistir ao desejo de lhe dar um beijo!... A mamã perdôa?

A MARQUEZA (*passando-lhe a mão pela cara e meia rabugenta*) — Creança!...

JULIA (*levantando-se*) — Dormiu perfeitamente; não?

A MARQUEZA — Não; sonhei... com elle. *Credo!* até me parecia que o ouvia fallar distinctamente!

JULIA (*comsigo*) — E dizem que o coração não ouve!... Se ouve!...

MARIA (*entrando*) — Está ali um sugeito que procura a senhora.

A MARQUEZA (*não ouvindo*) — Ein?

MARIA — Uma pessoa que a procura.

A MARQUEZA — Quem é?

MARIA — Não conheço, sr.ª marqueza. Parece estrangeiro.

A MARQUEZA — Seja quem fôr... Mande entrar.

MARIA — Para aqui?

A MARQUEZA (*rabugenta do somno e levantando-se*) — Pois para aonde? (*bocejando*) Ah!... para o meu quarto de cama? (*Maria sae*)

JULIA (*com meiguice*) — Nunca se zangue com a Maria, mamã!... Coitada! Olhe que, fiel na adversidade, como

o foi sempre na ventura, é a criada que nos resta de todos e todas que se mostravam tão nossos amigos!...

A MARQUEZA — E' boa rapariga, é; mas tem ás vezes perguntas tão parvoas!...

SCENA VI

A MARQUEZA, JULIA E WILLIAM BUTTLER

BUTTLER (*entrando e comprimentando levemente. NB. Este personagem tem uma gravidade escencialmente comica*) — Eu... pode intrar?...

A MARQUEZA (*observando-o com a luneta, comprimentando ligeiramente*) — Senhor... (*passando junto a Julia*) Conheces?

JULIA — Não, mamã.

A MARQUEZA (*sentando-se n'um sophá, e indicando-lhe uma cadeira*) — Queira sentar-se.

BUTTLER (*recusando*) — Muito obrigada!... Eu non demorar-me, porque sege otar lá... en baixa á porta; e se demore sege... mi ter de pagar a marota de bolieira muito mais dinheira...

A MARQUEZA (*espantada e baixo para Julia, que se foi collocar junto do sophá*) — Que linguagem falla este homem, que lhe não percebi uma palavra?

JULIA (*perdida de riso*) — Eu não sei, mamã.

A MARQUEZA (*para elle*) — Poderei saber a que devo a sua visita?

BUTTLER — Oh! Yes!... Eu vai dizer á senhora o que...

A MARQUEZA — Ein?... (*emendando-se*) Como?

JULIA (*para elle*) — Se tivesse a bondade de fallar mais alto? A mamã ouve mal.

BUTTLER — Ah!... estar surda, senhora?... Yes, eu fallar mais alta. (*gritando*) Senhora me dar muito prazer com... com suas flores!... eu gostar muito de flores que vocemecê fazer!...

A MARQUEZA (*para Julia cada vez mais espantada*) — O que diz elle?!... Flores!... que flores!...

Julia (*comsigo*) — Ih! Jesus!... (*muito atrapalhada*) A mamã não percebeu... quero dizer, eu... (*fazendo signaes para que se cale por traz do sophá*)

Buttler — Não comprehende senhora?... eu não poder fallar mais... (*reparando nos signaes de Julia*) Oh!... minina me estar fazendo... (*imitando com as mãos*) telegraphic!... Mi não comprehender tambem...

A marqueza — *Télégraphic?!... (desesperada e voltando-se para Julia*) Eu não entendo este... gago!

Julia (*cada vez mais perturbada*) — Se tivesse a bondade de dizer depressa o que pertende... e fallar mais baixo; a mamã doe-lhe a cabeça.

Buttler (*espantado*) — Oh! primeira me diz minina que faltar alta... fallar agora baixo!... mi continue a não comprehender...

A marqueza (*aborrecidissima*) — Pois sim!... Falla para ahi! (*voltando-lhe um pouco as costas*)

Buttler — Senhora me não dar *attentione!...*

A marqueza (*para Julia*) — Vê o que elle quer, e despede-o, que já me vae aborrecendo similhante massada. Ora esta!...

Julia (*chegando-se a elle, e obrigando-o a recuar para longe da marqueza*) — Esta senhora está indisposta... não lhe pode dar attenção e... Se tivesse a bondade de me dizer, a mim, o que pertende?

Buttler (*contente e sempre recuando*) — Yes! eu gostar mais de fallar com minina... senhora velha estar muita... muita... zangada!... muita...

Julia (*interrompendo-o*) — Faz favor de...

Buttler — Yes! eu me explicar vou. Mi ter comprado flores que vocemecê fazer... ou senhora velha...

Julia — Sou eu, senhor; sou eu, que...

Buttler — Mi estar... (*emendando*) Ou... non; ter commissione de patrõn meu... sr. John Walmore...

Julia (*admirada*) — John Walmore?!

Buttler — Yes! Ser mi... guarda livres de sr. John Walmore que estar em Paris...

A MARQUEZA (*voltando-se*)—Percebeste-lhe alguma coisa?

JULIA (*perturbada*) — Ainda não, mamã: eu já lhe digo... (*indo para elle*) Faz favor de se explicar... depressa!...

BUTTLER — Mi ter tambem pressa, porque sege estar... (*outro tom*) Meu patron sr. Walmore me fez commissione de espreitar tudo que fazer sir John de Cisneiras; mi saber por isto que elle vender flores feitas por senhora... por minina... e eu ter comprado por commissione de sr. Walmore que me tem escrivida sobre seus negocios, e...

JULIA (*espantada*) — Disse-lhe que comprasse as minhas flores?!

BUTTLER — Yes! me disse, quando escrevo a elle que D. João ser .. estar... vendilhon de flores...

JULIA — Mas...

BUTTLER — E como sr. John Walmore estar chegando to Lisbon eu querer... garnir... (*emendando*) querer seu apartement... querer mim guarnece de flores... muito bonitas; e eu gostar mais de flores de vocemecê... e vem eu negociar... (*emendando*) non; vem eu pedir a vocemecê por faz flores muito bonitas por infeita apartemant do sr. John Walmore! Yes! mi pagar bem flores de vocemecê...

JULIA (*sempre muito perturbada*) — Pois senhor... eu verei... heide combinar...

BUTTLER — Mi tem pressa de saber se vocemecê querer... sr. John Walmore... estar chegando... e... Mi paga o que vocemecê dis. Yes!

A MARQUEZA (*que tem estado impacientissima, levantando-se e indo para elles*) — Afinal, o que quer este... este grego?

BUTTLER (*espantado e meio offendido*) — Oh!... senhora velha me chamar... nomes?...

JULIA (*apressadamente*) — Eu lhe mandarei dizer... Tem a bondade de me dar o seu adresse?

BUTTLER (*dando-lhe um bilhete de visita*) — Yes! William Buttler, Central hotel.

JULIA (*acceitando*)—Bem, lá o mandarei prevenir quando...

BUTTLER — Yes! mas minina não esquece que mi ter pressa...

A MARQUEZA — Ainda lhe não percebi senão que tem pressa! Não o parece!

BUTTLER (*comprimentando*) — Senhora... (*para Julia*) Não demore minina; sr. John Walmore... não tardar in Lisbon...

JULIA (*como despedindo-o*) — Sim senhor, sim!...

BUTTLER — Senhora... (*sae com muita gravidade*)

SCENA VII

A MARQUEZA E JULIA

A MARQUEZA — Elle fallou no inglez? O que pertendia, afinal?

JULIA (*perturbada*) Não sei bem; um credor do João, creio eu... Heide escrever-lhe, para que se entenda com elle.

A MARQUEZA — Um credor!?... (*passando desesperada*) Quando se desenganará esta gente que nada tenho com as dividas d'aquelle... libertino!?... Oh! não o ter eu entendido!...

JULIA — Não se afflija, mamã! E' que não sabia talvez...

SCENA VIII

A MARQUEZA, JULIA E MARIA

MARIA (*entrando*) — A sr.ª D. Rosa d'Andrade, e seu sobrinho, procuram a sr.ª marqueza.

A MARQUEZA (*muito admirada*) — Oh!... Resuscitaram!.. Mande entrar. (*Maria sae*) Este é que é um verdadeiro milagre!... Não lhe dei parte quando vim para aqui. Dar-se-ha o caso que teimem nas suas idéas?

JULIA (*comsigo*) — Deus permitta que não!... E não, decerto: a pobreza tornou-me... horrenda!

SCENA IX

A MARQUEZA, JULIA, D. ROSA DE ANDRADE E LUIZ

D. ROSA (*correndo á marqueza*) — Querida marqueza!... (*depois de lhe apertar a mão, beijando Julia*) Como está, minha joiasinha?

LUIZ (*comprimentando*) — Minhas senhoras...

A MARQUEZA (*indicando-lhe um sophá*) —Queira sentar-se, minha senhora.

D. ROSA (*sentando-se. Todos se sentam em redor d'ella*) — Não esperava ver-me, não é verdade, sr.ª marqueza?

A MARQUEZA — Confesso que não: ha perto de dois annos, que...

D. ROSA — *Ce n'est pas ma faute*, como se diz em França.

A MARQUEZA (*não percebendo*) — Como?

D. ROSA — A culpa não é minha. A sr.ª marqueza saiu de Lisboa tão repentinamente... sem a mais pequena despedida...

JULIA — E' que o estado da sua saude não lhe permittiu...

D. ROSA — Fosse qual fosse o motivo, muitas pessoas imaginaram (e eu fui uma d'ellas) que a sr.ª marqueza pertendia acabar com todas as suas *relações*... Uma coisa assim!...

A MARQUEZA (*com certa sequidão*) — Felizmente, minha senhora, creio que lhe durou pouco essa idéa, porque... no fim de dois annos, tenho a honra de ser procurada por v. ex.ª

D. ROSA — Se isso involve um agradecimento, previno-a de que não sou digna d'elle; hoje venho aqui para... isto é, o *Lúlú* é que fez com que eu aqui viesse...

LUIZ — E' verdade, fui eu, porque, com franqueza, apezar de que minha tia devia estar bastante escandalisada com o procedimento da s.ª marqueza para com ella...

A MARQUEZA (*carregando o sobr'olho*) — O meu pro... ce... dimento?!

LUIZ — De certo; pois sair assim de Lisboa... sem a mais ligeira participação aos seus amigos...

A MARQUEZA (*olhando-o com a luneta*) — O sr. Luiz de

Andrade e a senhora... (*com certa ironia, pronunciando o nome*) *D. Ro... Rosa...* lembrar-se-hiam de vir a minha casa para... para estranhar as minhas acções?

D. Rosa (*meio picada*) — Oh quelle bêtis!...

A marqueza — Como?

D. Rosa — Não, sr.ª marqueza; viemos para um negocio de interesses reciprocos.

Luiz — Justamente.

Julia — Um negocio?...

A marqueza — Um negocio... comigo?

D. Rosa — Sim, minha senhora.

A marqueza — Queira dizer.

D. Rosa — Longe de mim a idéa de lhe trazer á memoria as vicissitudes porque tem passado...

A marqueza — Como? Quer dizer...

D. Rosa — Que, sabendo das suas infelicidades, evitarei — quanto seja possivel — recordar-lh'as.

A marqueza (*frenetica*) — A sr.ª D. Rosa creio que me procura no fim de dois annos, (*com intenção*) *sem eu ter tido a honra de me despedir*; creio que me procura, digo, para provar que... que a sua cabeça soffreu alguma dolorosa enfermidade!

D. Rosa (*meio seria, meio zangada*) — Oh! mais c'est trop fort!... sr.ª marqueza!...

A marqueza — Pois vê alguma circunstancia, ou a minha intimidade com a sr.ª D. Rosa autorisal-a-ha a *lamentar-me?*

Luiz (*levantando-se*) — Mas minha tia, vendo que a sr.ª marqueza está na sua costumada má disposição, é melhor deixar os exordios, e ir direita ao fim da nossa visita. Negocio é negocio.

A marqueza (*para Julia*) — Que diz elle?

Luiz — Solicito de minha tia o favor de explicar quanto antes á sr.ª marqueza o motivo que aqui nos trouxe.

A marqueza — Ah! é razoavel, e... muito melhor, (*para D. Rosa*) Quer ter a bondade...

D. Rosa — Eu me explico. E' um negocio...

A marqueza — Isso já eu ouvi; e mesmo desconfio que

nunca frequentaram a minha casa senão com esse fim.

Luiz e D. Rosa (*offendidos*) — Sr.ª marqueza!...

A marqueza—Vamos!... eu espero pelo tal negocio e previno-os de que não me posso demorar; preciso ir... a missa.

Luiz (*parvamente*) — A estas horas?!...

A marqueza (*para D. Rosa*)—Ouçamos o... o seu negocio.

D. Rosa — E' breve e conciso...

A marqueza (*maliciosamente e fazendo o calembourg*) — *Com... sizo?...* admira.

D. Rosa (*sorrindo contrafeita*) — Oh! *c'est trés espirituelle!..* Ouça, querida marqueza, e não se agaste; peço-lh'o eu.

A marqueza — Ha muito que estou para ouvir.

D. Rosa — Uns diamantes riquissimos, que lhe pertencem, ou... não, que lhe pertenceram...

A marqueza (*levantando-se*) — Ein? Os meus diamantes que... *que me pertenceram?!...* Que me pertencem! que são meus! que...

D. Rosa—Não duvido, mas... sei o estado d'esse negocio. Empenhados, por metade do seu valor, nas mãos de um grande usurario, a sr.ª marqueza, ou seu filho, está pagando um juro enorme, de forma que, d'aqui a annos, esses diamantes... ficam novamente comprados!...

A marqueza (*sentando-se outra vez e mirando-a com a luneta*) — Eu logo vi que a sua visita tinha um fim... em harmonia com tudo que lhe diz respeito!... Com que então veu com a idéa de me fazer comprehender que sabe que eu... eu, a marqueza d'Alvedra, empenhei os meus diamantes?! (*levantando-se e passando desesperada para o outro lado*) Oh! é d'uma inconveniencia... (*resmungando*) proprio d'uma *D. Rosa!...*

D. Rosa (*levantando-se*) — Oh! *mon Dieu*... Mas não é essa a minha idéa!... Quero prestar-lhe um serviço, solicitando-lhe outro para mim.

Luiz (*aborrecido*) — Em conclusão, sr.ª marqueza: os seus diamantes e brilhantes, na mão d'aquelle usurario, vão subindo a um preço exorbitante. Minha tia, que vae dar-me a felicidade de ser minha mulher...

Julia (*não podendo conter o riso*)— Ah! . . (*fica rindo á sob-capa*)

Luiz (*comsigo*) — Que punhalada para ella! . . . Coitada! morria por mim!

A marqueza — Ah!. . . fica tudo em casa. Que mais?

Luiz — Minha tia precisa fazer a acquisição de alguns diamantes, e desejava entender-se com a sr.ª marqueza a este respeito.

D. Rosa — Decerto. Eu lucrava, porque os compraria unicamente pelo seu valor; e a sr.ª marqueza, que provavelmente os não poderá desempenhar tão depressa . . .

A marqueza — Percebo, percebo. (*suffocando a colera*) Ora . . . ouçam, meus senhores. No tempo em que os reis de Portugal, (graças as immensas riquezas d'então!) costumavam brindar os fidalgos, que lhes prestavam serviços relevantes, um de meus avós fez não sei que proezas em Africa, que lhe valeram o titulo de marquez d'Alvedra, e a mão d'uma rica e nobre senhora da côrte. Ora, deu-se o caso que entre os brindes que a munificencia real se dignou fazer aos noivos, encontrava-se uma especie de diadema, usado então, todo feito de diamantes, brilhantes e perolas, coisa que, segundo dizem os historiadores, era muito para ver-se e ainda mais para admirar-se. Com o correr dos annos esse diadema transformou-se em anneis, collares, braceletes, etc.; e ainda que menos fulgurantes agora pela vergonha que os offusca, são esses justamente os que se acham na mão do tal usurario, que teve o bom gosto de lh'os mostrar a v. ex.ª Dir-me-hão agora com toda a franqueza, se esses diamantes, cujo brilho se obscureceu nas mãos d'um usurario, podem hoje parecer diamantes quando enfeitarem . . . a irmã do barão da . . *da Rapozeira?*

Luiz — Sr.ª marqueza! . . . viemos para lhe prestar um serviço e não para receber insultos!

D. Rosa — C'est bien dit, ça!

A marqueza (*enfurecida*) — Um serviço! . . . pois chamam serviço ao facto de virem participar-me que sabem

que a nobre marqueza d'Alvedra empenhou as suas joias de familia, para pagar as dividas de seu filho?!... Se a isto se chama um serviço, que nome terá uma insolencia?!

D. Rosa e Luiz — Sr.ª marqueza!...

A marqueza (*tocando uma campainha*) — Escusamos de malbaratar o tempo com exclamações... parvoas que nada dizem: que sou marqueza... ainda na desgraça, ninguem m'o contesta; que na sua familia haja um baronato, mesmo na opulencia, é que ninguem acreditará ... (*para Maria que entrou*) Acompanhe... (*com ironia*) *suas excellencias.*

D. Rosa (*saindo enfurecida*) — Coma os seus pergaminhos quando tiver fome, sr.ª marqueza!

A marqueza — Que lhe heide fazer? é o resultado de meu avô não ser... tendeiro!

Luiz (*comsigo, saindo e lançando um ultimo olhar para Julia*) — Tenho pena d'ella, pobre pequena!... Morria por mim!...

SCENA X

A MARQUEZA E JULIA

A marqueza (*desesperada*) — Então! que me dizes áquelles... parvos?... Nada ha mais abjecto do que a falta de intelligencia!... Comprarem-me os meus diamantes!... Isto até brada ao ceo!... A familia de um barão neto de merceeiros, comprarem os diamantes da casa d'Alvedra!... Mas isto é inacreditavel, meu Deus!... Pois senhores... ou eu estou já demente e não comprehendo o mundo, ou o mundo está parvo de todo, e não comprehende o que é nobreza! Ai! desgraçada terra!... desgraçada gente!

SCENA XI

A MARQUEZA, JULIA E O MAJOR

O major (*entrando esbaforido*) — Ouvi-lhe a voz!... é elle!... não tem duvida!.. (*correndo atordoado a todas as partes*) Onde está elle?... que é d'elle?...

A MARQUEZA — Credo!... Temos outra!... O' major, você está esp'ritado!?...

O MAJOR — E' elle!... são elles!... chegaram!... Augusto!... Augusto!... (*corre para a porta e esbarra com o doutor, que vem entrando.*)

SCENA XII

OS MESMOS, O DOUTOR, depois WALMORE E EMILIA

O DOUTOR (*lançando-se nos braços do major*)—Meu pae!...

O MAJOR — Ai, o meu rico filho!! (*ficam algum tempo abraçados*)

JULIA (*no maior contentamento*) — O nosso doutor!

O DOUTOR (*dirigindo-se á marqueza*) Sr.ª marqueza!...

A MARQUEZA (*apertando-lhe affectuosamente a mão*) Estou cada vez mais doente, doutor!...

O DOUTOR (*sorrindo*) — Veremos isso, sr.ª marqueza... (*dirigindo-se a Julia*) Cada vez mais formosa, minha senhora!...

JULIA (*com a maior alegria, mas com certo acanhamento*) — Ninguem o diria, vendo essa frieza!... Parece até que metto medo! .. Não me dá um abraço?

O MAJOR (*para elle, que olhou para a marqueza, como desculpando-se*) — Vá! vá! que isto agora é tudo uma familia!...

O DOUTOR (*abraçando-a com a maior delicadeza*) — Se tal ventura me fosse sempre concedida, viajava todos os annos!

WALMORE (*entrando com Emilia*) — Boas tardes.

JULIA (*correndo a ella*)—A minha Emilinha!... (*beijam-se e abraçam-se reciprocamente*)!

O MAJOR (*recuando*)—Ella!... (*fica com os olhos baixos, custando-lhe a conter a commoção*)!

EMILIA (*beijando respeitosamente a marqueza*! — Minha senhora... (*chegando-se tremula ao major com os olhos baixos*) Meu pae...

O MAJOR (*custando-lhe muito a conter-se*) — Emilia!... pa... passou bem?...

EMILIA (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*) — Meu pae!... (*O major, não podendo conter-se, levanta-a e aperta-a nos braços, profundamente commovido*)

WALMORE (*em quanto o major, Emilia, o doutor e a marqueza formam grupo conversando, chega-se a Julia*)—Minha senhora, fará favor de me dizer se... seu irmão costuma vir a esta casa?

JULIA (*perturbada*) — Sr. Walmore...

WALMORE — E' que o encontrei na estrada a pé; e, como precisava muito fallar-lhe, procurei um pretexto, apeei-me e disse-lhe que viesse aqui. Se ha algum obstaculo, rogo-lhe o favor de m'o dizer.

JULIA — O obstaculo é... é a senhora marqueza não querer vêl-o; vem aqui de oito em oito dias, é verdade, mas entra occultamente, e aproveita a occasião da mamã dormir para lhe beijar a mão.

WALMORE — Bem. (*afasta-se*)

O MAJOR (*radiante*) — Pois meus amigos, isto de festa sem comer nem beber, não percebo! (*chamando*) Maria!... ó Maria!... (*falla com ella em segredo, em quanto os mais conversam baixo: — Walmore com a marqueza e com o doutor — Julia com Emilia á bocca da scena. — Maria sae depois de fallar com o major.*)

EMILIA (*como respondendo a Julia*) — O sr. Walmore tem-nos seguido constantemente em todas as nossas viagens. Hospedava-se sempre no mesmo *hotel*, mas nunca procurava encontrar-me senão ás horas da comida: então, dispensando-me os maiores desvelos e attenções, fallava-me sempre com muita delicadeza do futuro de meu filho, mostrando o maior desejo de o perfilhar.

JULIA — Então... ama-te elle ainda?

EMILIA — Não sei: nunca m'o disse... isto é, uma unica vez nas vesperas da nossa partida. Depois tem-m'o provado muitas vezes, mas nunca m'o disse.

JULIA — Que original!

O MAJOR (*sempre muito alegre*) Vamos! é marchar! Mandei pôr um lunche... pequeno, insignificante, mas... hão-de contentar-se com as munições de bocca d'um pobre major reformado! Vamos, senhora marqueza.

A MARQUEZA (*para o doutor, enfiando-lhe o braço*) Olhe que está cada vez mais *comilão*! Não pensa senão em comer e beber!...

O MAJOR (*rindo*) E a sr.ª marqueza em ralhar! A sua mania emmagrece, e a minha engorda! Marche! (*vão todos saindo*).

O DOUTOR (*para Walmore*)—Não vem?

WALMORE — Preciso ficar aqui... Espero uma pessoa com quem necessito fallar immediatamente, e que...

O DOUTOR — Quer que lhe faça companhia, em quanto não vem essa pessoa?

WALMORE — Não; vá com a sua familia. (*para os mais*) Eu já os vou procurar, senhores.

O MAJOR (*baixo para o doutor, indicando-lhe Walmore*) Então aquillo... vae mal, cin?

O DOUTOR (*no mesmo tom*) — Melhor é não o contrariar. (*saem todos*).

SCENA XIII

WALMORE (*só*) depois MARIA e D. JOÃO.

(*N B. Walmore mostra cada vez maior frieza na palavra e no gesto, como um homem apossado d'uma idéa fixa*)

WALMORE — Encontrei-o na estrada... ia d'aqui, não tem que ver! Bem: então é verdade o que William me escrevia das flores... (*toca uma campainha*) Mas se não vem?

MARIA (*entrando*)—Tocou?

WALMORE — Está ahi alguem que me procure?

MARIA — Sim, meu senhor: mas como é... sim (*atrapalhada*) como é uma pessoa que aqui costuma vir occultamente...

WALMORE — Que tenho eu com isso?! Que entre agora a descoberto!

MARIA (*hesitando*) — Mas...

WALMORE — Mande entrar.

MARIA (*indo á porta da escada*) — Sr. D. João...

D. JOÃO (*entrando e comprimentando com certo embaraço*) — Sr. Walmore!

WALMORE (*depois de o comprimentar levemente, para Maria*) — Póde sair (*Maria sae*)

D. JOÃO (*comsigo*) — Que me quererá elle?

WALMORE (*vae fechar todas as portas, volta a elle e indica-lhe uma cadeira*) — Faz-me o favor de se assentar...

D. JOÃO (*sentando-se*) — Estou ás suas ordens.

WALMORE (*sentando-se*) — O seu procedimento de hoje autorisa-me... (*emendando*) não; colloca-me na restricta obrigação de lhe fallar com a maior franqueza. Creio que teve bastante tempo para conhecer o meu caracter...

D. JOÃO — Conheço-o perfeitamente e... respeito-o.

WALMORE — Bem: estamos identificados em sentimentos, porque é tambem o que hoje lhe dedico ao senhor: o respeito.

D. JOÃO (*turbado*) — Sr. Walmore.

WALMORE — Este facto até bem recente, de ver um filho procurar occultamente beijar a mão de sua mãe, pouco amoravel e altamente offendida, este facto é... muito bonito! Vi claramente que esse coração eivado pelo vicio, não perdeu todavia os instinctos de bondade com que Deus o formou. Tudo isto me faz acreditar, que o sr. D. João tem experimentado o doloroso sentimento, o verdadeiro purificador do crime: o remorso! Tem-no sentido e..., ainda o sente.

D. JOÃO (*machinalmente*) — Se sinto!

WALMORE — Tambem eu.

D. JOÃO — O sr. Walmore?!

WALMORE — Sinto remorsos... e grandes! Quando soube que o sr. D. João procurara um modo de vida honroso, porque vinha do trabalho; quando me constou que,

por meio da revisão de um jornal, havia obtido o pão quotidiano humedecido com as lagrimas do seu arrependimento, opprimiu-se-me o coração; e, perguntando a mim mesmo qual era mais nobre, se a regeneração do mal, se a persistencia no bem, a resposta foi que a primeira tinha mais valor, pelo menos aos olhos de Deus. Conclui, pois, deplorando a minha precipitação, e formando o firme proposito de emendar o mal que havia feito. Portanto, hoje, que o encontro homem de bem, não tenho duvida, para descargo da minha consciencia, de lhe pedir... de pedir-lhe perdão do escandalo que lhe promovi, e do muito que lhe fiz soffrer.

D. João — Sr. Walmore, a franqueza com que me falla sobre assumpto tão melindroso, expurga-me da alma qualquer sentimento menos digno que lhe podesse consagrar, e anima-me a pedir-lhe um favor. Embora rehabilitado, como diz, não posso dar a essa senhora mais do que á minha familia, a pobreza e a miseria... sendo tão digna da opulencia! Sei que o sr. Walmore mais de uma vez se offereceu para lhe dar o seu nome; pois bem, peço-lho que me alcance um logar, um emprego... bem longe de Portugal, tão longe quanto fôr preciso para nunca mais ouvirem fallar em mim. Dou-lhe a minha palavra de honra que não perturbarei a sua felicidade com a minha presença!... Não voltarei mais a esta terra e...

Walmore — Não senhor; não é isso o que eu tenciono fazer; não é a isso que deve aspirar, e se me permitte que eu me encarregue do seu futuro...

D. João — Entrego-me nas suas mãos, sr. Walmore!

Walmore — Bem. (*vae abrir as portas*) Entrem senhores; preciso fallar-lhes.

SCENA XIV

WALMORE, D. JOÃO, O MAJOR, EMILIA, JULIA, A MARQUEZA E O DOUTOR

O major (*vendo D. João*) — Elle aqui!... (*fica um pouco de costas para elle*)

JULIA (*correndo para elle*) — Tu, João!?

A MARQUEZA (*que entra ultimo*)—O que?!... o João?... (*observando-o com a luneta*) Como se atreveu a... a apparecer-me, senhor!... (*fica sempre observando-o com a luneta e um pouco perturbada*)

D. JOÃO (*curvando a cabeça*) — Minha mãe!...

WALMORE — O verdadeiro arrependimento purifica os homens perante Deus, e muitas vezes perante a sociedade! (*pegando na mão de D. João*) Quererá ser mais severa do que Deus? quererá ser mais inexoravel do que a sociedade? Não perdoará a seu filho? (*fazendo-o ajoelhar*)

A MARQUEZA (*zangada*) — Não m'o faça ajoelhar, senhor! que os marquezes d'Alvedra nunca ajoelharam senão diante de Deus e do rei! (*para seu filho, estendendo-lhe a mão*) Perdôo-lhe.

D. JOÃO (*lançando-se-lhe nos braços*) — Minha mãe.

A MARQUEZA (*commovida*) — A marqueza d'Alvedra cumpriu um dever banindo o seu descendente, que deshonrou o seu nome; a mãe perdoa ao filho que se arrepende! (*dá-lhe um beijo na testa e permanece algum tempo abraçada com elle*)

WALMORE (*depois de silencio*) — Sr.ª marqueza, depois de algum tempo de provação ahi tem seu filho rehabilitado! Traz-lhe o arrependimento, em vez da riqueza, que lhe dissipou; melhor para elle e para v. ex.ª. A felicidade porém não será completa sem que a sr.ª marqueza, desprezando os preconceitos de uma exaggerada aristocracia...

A MARQUEZA — Senhor...

WALMORE — Peço-lhe que me deixe concluir. A verdadeira felicidade só entrará n'esta familia, se a sr.ª marqueza não recusar o seu beneplacito para dois casamentos...

A MARQUEZA — Dois?!

WALMORE — Sim, senhora. (*indo escrever á pressa uma ordem*) Esta ordem sobre o meu banqueiro dá ao sr. D. João de Cisneiros a somma necessaria para pagar as di-

vidas de sua casa, que ficarão reduzidas a metade pelo prompto pagamento.

D. João (*avançando*)—Mas... é uma esmola, senhor!...

A marqueza — Uma esmola! ?

Walmore — Não, senhores; não é esmola. Pagar-me-hei do meu dinheiro como juro da lei, pela quinta parte do rendimento de sua casa. Para se effectuar, porém, esta transacção, necessito primeiro do consentimento da sr.ª marqueza para o casamento de seu filho com esta senhora. Depois de satisfeito este dever de honra...

A marqueza — De honra!... Ah! comprehendo!... (*olhando o major com a luneta*) Comprehendo agora o seu odio, major!...

O major (*desabrido e voltando-lhe um pouco as costas*) — E' muito intelligente, sr.ª marqueza.

Walmore — Além d'isto, ha dois entes muito queridos para nós, sr.ª marqueza, a quem precisamos dar tambem a felicidade de que são dignos. Fallo de sua filha e do meu particular amigo o sr. doutor Augusto Costa.

A marqueza (*olhando-os com curiosidade*)—Tambem?...

Julia (*de um lado beijando-a*) — Mamã!...

A marqueza — Nunca eu me enganei...

O doutor (*sorrindo do outro lado*) — Se os meus pequenos serviços de medico me grangearam a honra da sua amizade, minha senhora, juro-lhe que os desvelos de... de filho descobrirão depressa as causas das suas enfermidades.

A marqueza (*com um suspiro*) — E bem preciso, na verdade! Sinto-me cada vez mais doente! (*n'outro tom para Walmore*) Sr. Walmore, annuindo de bom grado ao seu pedido, resta-me agradecer o interesse que tomou por...

Walmore — Nada tem que me agradecer, sr.ª marqueza. A convicção de que concorri para a ventura d'esta familia é sufficiente paga para o meu coração. Sr. D. João, depois de amanhã parto para Londres: terá a bondade de ir amanhã ao meu escriptorio para regularmos o nosso negocio e...

D. João (*interrompendo-o*) — Perdão, sr. Walmore. A sr.ª D. Emilia já viu, por mim, que o dinheiro não dá a felicidade; minha irmã e o doutor tambem assim o entendem decerto; por tanto, agradecendo infinitamente o seu offerecimento, recuso um favor que o mundo olharia de uma forma... talvez menos digna para nós todos.

Walmore — Porém, senhor!. .

D. João — Na minha honesta mediocridade aprenderei a ser mais homem de bem do que fui até aqui; estudarei os meios de dar a minha mãe e a minha mulher as possiveis commodidades na vida, e ufanar-me-hei, em vez de corar, de um presente que nobilite o meu passado.

O major (*apertando-lhe a mão*)—Bravo! Diz bem! antes pouco, mas adquirido com honra (*apontando para o doutor*) como aquelle, do que muito e ser prodigalisado... como nós sabemos.

A marqueza (*baixo para os dois*)— Tudo isso é muito bonito, muito edificante!... Mas as minhas joias por lá ficam, ein?

D. João (*perturbado*)—Minha mãe...

Walmore (*de mau humor*)—Dar-me-hão ao menos licença para dotar a sr. D. Emilia?

O major (*carregando o sobre olho*) — Ein?!

D. João (*sorrindo*) — Mas... sr. Walmore, se vê que nos repugna acceitar o seu negocio, como poderemos acceitar uma dadiva?

A marqueza (*com um involuntario suspiro*)—É claro!...

Walmore — Torna-se-me, portanto, impossivel vêl-os completamente felizes! bem; serei eu o unico exemplo de similhante fatalidade! Milionario, vejo-me contrariado em todas as minhas idéas de fazer bem!... Só no mundo, debalde procuro uma familia, que me deva a sua ventura!...

O major (*para seu filho*)—Pobre homem! quasi que tenho dó d'elle!

O doutor (*baixo*)—E se persiste n'aquella idéa... receio-lhe algum fim sinistro.

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 910

O MAJOR — Ora essa!

WALMORE (*que tem ficado a scismar*) —Mas, sr. D. João, com a sua casa empenhadissima... (*como tomado por uma idéa repentina*) Ah! (*depois de curto silencio*) sr.ª marqueza d'Alvedra, tenho a honra de lhe pedir a sua mão.

A MARQUEZA (*recuando estupefacta*) — Ein?... como?... faz favor de repetir!...

WALMORE (*com a maior seriedade*)—Tenho a honra de lhe pedir a sua mão.

A MARQUEZA (*depois do primeiro momento de espanto*) E esta, major?!

O MAJOR (*perdido de riso, mas disfarçando*) —E esta, sr.ª marqueza?!

A MARQUEZA (*depois de silencio e com fingida sensibilidade*) Sacrifico-me pela felicidade de meus filhos!... Sr. Walmore... é sua a minha mão.

O MAJOR (*apertando a mão de Walmore*) Muitos parabens, sr. Walmore! (*com bondosa ironia, mas muito disfarçada*) Hade ser muito feliz, digo-lh'o eu! Aquillo é um anjo de brandura.

WALMORE (*com certo desabrimento e ao mesmo tempo contente por conseguir o seu fim*) Que me importa!... depois do casamento parto para Inglaterra.

JULIA (*para a marqueza*) — Então a mamã...

A MARQUEZA (*quasi chorando*) Vêl-os-hei felizes antes de morrer, meus filhos!... porque, na verdade, sinto-me cada vez mais doente!... (*comsigo, olhando de revez para Walmore*) Isto hade animal-o, e eu... cedo tornarei a adornar-me com as minhas joias de familia!

Formam quadro e cae o panno.

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 910 4